

PUCRS

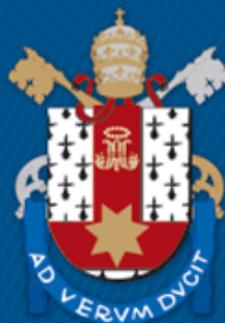
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

THAINÁ BORELLI BARBOSA

**O USO DE INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS NA CRIAÇÃO DE CONTEÚDO JORNALÍSTICO
ONLINE: A PERSPECTIVA DE QUEM VIVENCIA**

Porto Alegre
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

THAINÁ BORELLI BARBOSA
thaina.barbosa@edu.pucrs.br

**O USO DE INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS NA CRIAÇÃO DE CONTEÚDO
JORNALÍSTICO ONLINE: A PERSPECTIVA DE QUEM VIVENCIA**

Projeto de monografia apresentado ao curso
Comunicação Social - Jornalismo da Escola
Comunicação, Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Crispim da Fontoura

Porto Alegre
2024

THAINÁ BORELLI BARBOSA

**O USO DE INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS NA CRIAÇÃO DE CONTEÚDO
JORNALÍSTICO ONLINE: A PERSPECTIVA DE QUEM VIVENCIA**

Projeto de monografia apresentado ao curso
Comunicação Social - Jornalismo da Escola
Comunicação, Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Crispim da Fontoura (orientador)

Prof. Moreno Osório Cruz - Examinador

Prof. Eduardo Campos Pellanda - Examinador

Porto Alegre 2024

AGRADECIMENTOS

Hoje venho agradecer a todos que me acompanharam durante a trajetória árdua da faculdade, mas, em especial, meu pai, Raul, e minha mãe, Cidiane. Desde quando eu era pequena, sempre tive o apoio incondicional deles para a realização dos meus sonhos, obrigada por fazerem de tudo para me proporcionar o melhor da vida. Vocês são definitivamente meu porto seguro e a minha força, amo vocês com todo meu coração.

Não poderia deixar de agradecer também a minha família de Passo Fundo, que mesmo de longe, sempre estiveram torcendo por mim. Essa jornada com 290 km de distância serviu para que cada abraço se tornasse mais especial e raro em visitas rápidas nos finais de semana.

Falando em família, não tenho como não mencionar a que eu fiz em Porto Alegre com o passar dos últimos quatro anos. Neste processo, descobri da melhor forma que os amigos são a família que nós escolhemos, e que são casa e proteção quando mais precisamos. Modéstia parte, não poderia ter feito escolha melhor.

À minha colega de Famecos, de profissão e amiga confiante, Luiza, deixo aqui minha gratidão por fazer todo esse processo se tornar mais leve e divertido, inclusive por me apoiar imensamente durante todo ele. Também não poderia deixar de agradecer meus dois advogados favoritos, Ana Carolina e Mauro, que desde o ensino médio em Passo Fundo, e agora na conclusão de nossas faculdades na PUCRS, nossa amizade permanece sendo casa.

Para finalizar, agradeço a todos os professores da PUCRS que contribuíram para o meu caminho tomar forma, lembrarei de todos com muito carinho e afeto. Vocês foram essenciais para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Em especial, agradeço meu orientador, Marcelo, que esteve presente desde o meu primeiro dia de faculdade e que com maestria me orientou em diversas etapas dela, e agora, nesta fase final de conclusão de curso.

RESUMO

Esta pesquisa acadêmica busca entender a perspectiva dos jornalistas gaúchos diante das transformações na produção de jornalismo, com foco na inclusão de novas tecnologias que exigem adaptação por parte dos jornalistas, como a inteligência artificial (IA) nas redações. Por meio de entrevistas padronizadas e realizadas de forma assíncrona com cinco profissionais da área, a análise aborda como sistemas baseados em IA podem afetar ou agregar à rotina produtiva dos jornalistas, considerando a usabilidade das ferramentas, a segurança, a ética e a qualidade do trabalho jornalístico. A pesquisa explora também a adaptação dos profissionais a essas mudanças, os desafios percebidos e as oportunidades que surgem com a integração da IA no jornalismo, fornecendo uma visão abrangente sobre o impacto tecnológico no setor. Ao examinar a interface entre tecnologia e jornalismo, o estudo visa destacar as implicações para o futuro da profissão, enfatizando a necessidade de um equilíbrio entre inovação e preservação dos princípios éticos e da qualidade jornalística.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Produção Jornalística; Inovação no Jornalismo; Tecnologia; Ética Jornalística

ABSTRACT

This academic research seeks to understand the perspective of journalists from Rio Grande do Sul in the face of transformations in journalism production, focusing on the inclusion of new technologies that require adaptation on the part of journalists, such as artificial intelligence (AI) in newsrooms. Through standardized and asynchronous interviews with five professionals in the field, the analysis addresses how AI-based systems can affect or add to the productive routine of journalists, considering the usability of the tools, safety, ethics and quality of journalistic work. The research also explores how professionals adapt to these changes, the perceived challenges and opportunities that arise from the integration of AI into journalism, providing a comprehensive view of the technological impact on the industry. By examining the interface between technology and journalism, the study aims to highlight the implications for the future of the profession, emphasizing the need for a balance between innovation and preservation of ethical principles and journalistic quality.

Keywords: Artificial Intelligence; Journalistic Production; Innovation in Journalism; Technology; Journalistic Ethics

SUMÁRIO

1 Introdução.....	7
2 As grandes transformações na estrutura dos processos jornalísticos.....	10
2.1 Contextualização histórica das transformações nos processos jornalísticos.....	10
2.2 Impacto da tecnologia na produção jornalística.....	14
2.3 Tendências de processos jornalísticos internos.....	17
3 Inteligência artificial, jornalismo e novos desafios para a profissão.....	21
3.1 A Inteligência Artificial não é tão recente assim.....	22
3.2 Desafios da Inteligência Artificial.....	26
3.3 Inteligência Artificial e o jornalismo atual.....	28
4 Metodologia.....	33
5 Análise.....	36
5.1 A usabilidade das ferramentas e sua frequência.....	37
5.2 Regras internas, ética e formação.....	40
5.3 Transformações no modo de comunicar.....	43
5.4 Impactos na rotina de produção: benefícios e desvantagens.....	45
6 Conclusão	48
Referências.....	52
Apêndice.....	56

1 Introdução

Em tempos marcados por grandes transformações tecnológicas no mundo todo, diversos setores de produção foram impactados positivamente e negativamente. Não é novidade nosso poder de percepção de que todo benefício pode trazer consigo um prejuízo, por menos relevante que possa ser.

Dentro do jornalismo, esta dualidade de impactos não é diferente. Nos primórdios dos anos de 1600 já havia indícios da necessidade de espalhar informações de utilidade pública para a população. Se tornou um processo natural para os viajantes explanar com detalhes suas aventuras pelo mundo como um método de informação. Com o tempo, o jornalismo foi evoluindo e se estruturando, tornando-se uma profissão essencial para a sociedade.

Com os avanços de tecnologias presentes em uma era que foi marcada pela transformação, a Revolução Industrial trouxe consigo um facilitador: a impressão em massa, que foi essencial para a distribuição ampla de notícias. Mais recentemente, o advento da internet e do mundo digitalizado trouxeram impactos de extrema relevância no modo em que as notícias são produzidas, distribuídas e principalmente consumidas.

Embora a inteligência artificial e a popularização de IAs generativas estejam gerando questionamentos e dúvidas perante a seu uso na rotina de produção jornalística, seu conceito e a tentativa de fazer uma máquina "pensar" como um ser humano vem sendo estudado há anos, obtendo avanços significativos com a sua utilização em ferramentas que tendem a automatizar tarefas, principalmente, as mais repetitivas dentro de uma redação.

O principal objetivo desta pesquisa é explorar a fundo como os jornalistas estão lidando com a aparição contínua de inteligências artificiais dentro das redações, e também explorar as transformações no modo de fazer jornalismo causadas pela evolução da tecnologia e a vinda do digital.

Com isso, se fez necessário, dentro do objetivo proposto, analisar a perspectiva que jornalistas gaúchos têm sobre o uso dessa inteligência, no que diz respeito à metodologia de uso, qualidade e segurança das plataformas já disponíveis para uso.

Neste percurso, será realizada uma revisão histórica das mudanças nos processos jornalísticos, seguida por uma análise do impacto das tecnologias digitais na produção de notícias. Além disso, serão investigadas as tendências atuais e os novos desafios impostos pela IA ao campo do jornalismo.

A pesquisa foi construída em dois capítulos teóricos principais que dão o embasamento histórico das transformações, seguido da metodologia e a análise final. Os dois primeiros capítulos teóricos deste trabalho são organizados da seguinte forma: o primeiro aborda as grandes transformações no modo de produzir jornalismo, contextualizando historicamente essas mudanças na produção, distribuição e recepção de notícias, além de analisar o impacto da tecnologia na produção jornalística.

Já no segundo capítulo, foi analisada as inserções da inteligência artificial dentro destas transformações, discutindo a evolução deste sistema, sua complexidade e seus desafios. Neste contexto, também foram analisados os desafios que a inteligência artificial pode gerar por toda a incerteza que ela carrega, e também como apresenta o seu impacto atual sendo utilizada dentro do jornalismo.

Para complementar o embasamento teórico, foram realizadas entrevistas de profundidade com cinco jornalistas, visando entender suas percepções e experiências com o uso de ferramentas de IA no jornalismo. As entrevistas abordaram questões como metodologia de uso dessas ferramentas, possíveis regras internas propostas por veículos de comunicação, mudanças percebidas na relação entre jornalistas e suas fontes, além de pontuar preocupações éticas com a inserção da IA e os benefícios percebidos.

Assim, este trabalho busca não apenas mapear as transformações tecnológicas que moldam o jornalismo contemporâneo, mas também compreender como os profissionais da área estão lidando com esses novos desafios e oportunidades.

Ao pensar em um tema para esta pesquisa acadêmica, procurei algo que me instigasse e provocasse com frequência minha curiosidade, e ao mesmo tempo me desafiasse a estar fora da minha zona de conforto, para além de tudo, me contemplar com aprendizado.

Quem lida diariamente com a comunicação, seja a área específica que for, precisa estar sempre atualizado sobre as transformações tecnológicas do momento,

pois frequentemente há mudanças repentinas em nosso meio de trabalho, as quais precisamos nos familiarizar e nos adaptar. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo, além de concluir meu trabalho de conclusão de curso, me inteirar mais profundamente do que podemos esperar deste sistema que veio para revolucionar nosso jeito de produzir.

Neste estudo, foram analisadas referências relevantes como Traquina (2005), e Ferrareto (2007;2021) que contribuem com a história do jornalismo e suas mudanças no modo de produção, Siapera e Veglis (2012), autores que discutem as transformações do jornalismo digital, com seus argumentos expostos em toda a pesquisa, Mitchell (2009;2019) e Beiguelman (2021) que investigam a complexidade da inteligência artificial e seus processos dentro de seu avanço.

Com toda a pesquisa concebida, podemos concluir que há resultados bastante interessantes dentro da perspectiva dos jornalistas com a inserção da inteligência artificial na rotina de produção. Foi comprovado que há muita insegurança dos profissionais em relação à confiança nas ferramentas prontas para uso, devido a erros frequentes que estes sistemas cometem, incluindo as perigosas alucinações, riscos de plágio, falta de ética, entre outros.

Por outro lado, os profissionais enxergam necessidade de treinamentos específicos em redações para o uso ético e consciente dessas ferramentas, pois utilizando-as corretamente, pode-se obter resultados produtivos, agilizando assim, muitas tarefas simples existentes no cotidiano do jornalista.

2 As grandes transformações na estrutura dos processos jornalísticos

A história do jornalismo é marcada por uma constante interação com a tecnologia, desde os primórdios dos boletins manuscritos até a era da Internet e das redes sociais.

Classificado como o quarto tipo de jornalismo por Siapera e Veglis (2012), ficando atrás dos modelos de jornalismo 1. impresso, 2. de rádio e 3. telejornalismo, o online trouxe consigo a influência mais discrepante causada pela tecnologia. No entanto, é importante reconhecer que esta influência não se limita apenas às inovações contemporâneas.

2.1 Contextualização histórica das transformações nos processos jornalísticos

Desde a revolução industrial, as mudanças tecnológicas têm desempenhado um papel significativo na transformação dos processos jornalísticos. O advento de máquinas de impressão, por exemplo, revolucionou a produção em massa de jornais e ampliou o alcance das publicações, permitindo que as notícias chegassem a um público mais amplo do que nunca (Kovach; Rosenstiel, 2005).

Pena (2005) traz a visão de Marcondes (2000), que traça o quadro evolutivo de cinco épocas do jornalismo: Pré-história do jornalismo (1631-1789); Primeiro jornalismo (1789-1830); Segundo jornalismo (1830-1900); Terceiro jornalismo (1900-1960) e Quarto jornalismo (1960 em diante).

Segundo Kovach e Rosenstiel (2005), o "jornalismo moderno" teve sua aparição no começo do século XVII, na época da pré-história do jornalismo, como cita Marcondes (2005). Nesse tempo, os viajantes contavam as histórias de suas trajetórias em cafés, bares e pubs londrinos, e posteriormente eram registrados em livros especiais que ficavam disponíveis para leitura do público presente nos locais.

Dessas rodas de história, onde existiam até cafés especializados em certas informações, deu-se a vida ao primeiro tipo de jornalismo:

Os primeiros jornais saíram desses cafés por volta de 1609, quando tipógrafos mais atrevidos começaram a recolher informações, fofocas e discussões políticas nos próprios cafés, depois imprimindo tudo (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 37).

Ao longo dos séculos, a relação entre tecnologia e jornalismo tem sido objeto de análise e debate, com o argumento que as inovações tecnológicas vêm sendo um dos grandes impulsionadores de mudanças na prática jornalística. Na lógica de Marcondes (2000), a época do segundo jornalismo foi onde a imprensa de massa nasceu. A profissionalização do jornalista surgiu entre 1830 a 1900 junto com a criação de reportagens, matérias, a utilização de publicidade no meio jornalístico e também a consolidação da economia da empresa.

Como destacado por Siapera e Veglis (2012), a ênfase na tecnologia como catalisadora de transformações é compreensível, uma vez que os efeitos imediatos da implementação de novas tecnologias na redação tendem a ser mais visíveis do que outros desenvolvimentos, como por exemplo as mudanças nos modelos de negócios ou estratégias de comercialização.

O telégrafo, equipamento de comunicação introduzido no ano de 1837, foi o começo da aproximação do jornalismo à atualidade. Traquina (2005), marca o uso do aparelho como uma permissão para a notícia alcançar o que há de mais imediato na época: a instantaneidade.

Se antes jornalistas serviam para contar diversas "estórias" da vida, rica em detalhes e com bastante profundidade, o sistema proposto pelo novo jornalismo e com a introdução do telégrafo aos jornalistas trouxe outra distinção que mudou drasticamente o modo de produzir o conteúdo jornalístico, levando o foco para os acontecimentos imediatos.

Traquina (2005) menciona a vinda do telégrafo como uma consolidação da proposta apresentada pela "penny press" na década de 1830, que foi uma modalidade de jornalismo barato, usualmente vendido pela metade do preço se for comparado aos jornais convencionais dos Estados Unidos. O modelo de jornalismo praticado pela penny press poderia ser classificado hoje em dia como uma "imprensa de centavos".

Ao afirmar similaridade dentre os modelos de jornalismo propostos pela penny press e o impacto gerado pela aposta no telégrafo, Traquina (2005, p. 53) lista os principais motivos que o fez comparar as duas produções:

- 1) permitiu que os jornais funcionassem em tempo real; 2) ajudou a fomentar a criação de uma rede mais vasta de pessoas empregadas integralmente no trabalho de produzir informação, nomeadamente as agências de notícias, que rapidamente alargaram ao nível internacional a sua cobertura jornalística, num processo continuado

até hoje na globalização do jornalismo; e 3) introduziu alterações fundamentais na escrita das notícias, nomeadamente a utilização duma linguagem homogeneizada, rápida, de fatos escassos, numa palavra, telegráfica.

Dentro da classificação dos modelos de jornalismo de Siapera e Veglis (2012), o radiojornalismo encontra-se na segunda posição. Este tipo de produção teve seu início em 1920, na época do terceiro jornalismo na periodização de Marcondes (2000), e foi marcada pelas transmissões pioneiras após as implementações das primeiras rádios.

A KDKA de Pittsburgh realizou uma das primeiras transmissões de notícias ao vivo, cobrindo os resultados das eleições presidenciais estadunidenses de 1920 (Ferraretto, 2021). Esse evento é citado como o marco inicial do radiojornalismo, demonstrando o potencial do rádio para transmitir eventos em tempo real diretamente ao público.

Diferentemente dos jornais impressos, que dependiam do ciclo diário de notícias, o rádio permitia uma transmissão instantânea, alcançando rapidamente um vasto público. Conforme aponta Ferraretto (2007), a capacidade de transmitir notícias em tempo real transformou o rádio em um meio essencial para a comunicação de urgências e eventos ao vivo, elevando o padrão de imediatismo na reportagem jornalística.

Antes da transformação online do jornalismo, ainda outro marco importante aconteceu em sua história: a televisão e a chegada do telejornalismo. Este feito alterou não apenas o modo como as notícias são apresentadas, mas também as expectativas do público e as próprias definições de relevância jornalística (Traquina, 2005).

O impacto da televisão se estendeu além do simples relato dos fatos. Seguiu influenciando a maneira como os jornalistas coletam, produzem e transmitem informações, priorizando narrativas visuais e a capacidade de captar a atenção do público de forma rápida e eficaz.

A introdução da televisão trouxe consigo desafios éticos e profissionais significativos, que reconfiguraram o campo do jornalismo. Traquina (2005) argumenta que o jornalismo televisivo tendeu a enfatizar o espetáculo e o emocional, muitas vezes em prejuízo da profundidade analítica e da contextualização, que agora abrangeria mais um sentido humano.

Esta mudança não apenas moldou o conteúdo jornalístico, mas também impôs uma reflexão sobre o papel dos jornalistas na sociedade, onde a velocidade de transmissão das notícias e a luta pela atenção se tornaram fatores dominantes na produção de conteúdo. Kovach e Rosenstiel (2004) acrescentam que, embora a forma de fazer jornalismo tenha mudado conforme o passar dos anos, o princípio da profissão será sempre o mesmo:

De fato, não importa quanto o jornalismo tenha mudado. Sua finalidade tem permanecido extraordinariamente constante, embora nem sempre bem servida, desde que a noção de "imprensa" surgiu há mais de trezentos anos. E apesar de todas as mudanças na velocidade, técnicas e a natureza da difusão das notícias, sempre existiram uma teoria e uma filosofia clara do jornalismo, que fluem da própria função das notícias (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 30) .

Ainda nesta lógica, Kovach e Rosenstiel (2004) mencionam o estudo do historiador Mitchell Stephens (1988), que reforça essa constância citada pelos autores. O historiador afirma que os padrões de valor da notícia, permanecem alinhados desde o começo da história, pois as pessoas necessitam de informação para estar a par de fatos que vão além de sua existência. Esta necessidade humana é chamada de Instinto de Percepção.

Se antes o poder da Imprensa Livre dava o poder ao jornalista de decidir o que o público deveria saber, a chegada da internet e do jornalismo digital deu uma outra perspectiva aos profissionais. Este avanço da tecnologia se deu como uma maneira do público colocar ordem nas coisas, utilizando os jornalistas como uma forma de verificar a veracidade do conteúdo lido (Kovach; Rosenstiel, 2004).

Na metade da década de 1990 o desenvolvimento acentuado da Internet foi o maior foco dos jornalistas, que migraram para esta nova plataforma com o objetivo de conquistar um salário acima do mercado convencional. Segundo Pena (2005) o ambiente virtual influenciou todos os tipos de veículos, trazendo um novo patamar para a produção de notícias e a recepção das mesmas. Na perspectiva de Pena (2005, p. 176):

O Jornalismo Digital pode ser precariamente definido como a disponibilização de informações jornalísticas em ambientes virtuais, o ciberespaço, organizadas de forma hipertextual com potencial multimidiático e interativo.

Os conceitos de velocidade e rapidez mudaram drasticamente com a chegada do jornalismo online, e também a descentralização das notícias, já que além dos veículos tradicionais, este momento foi marcado pela chegada dos websites, blogs e portais (Pena, 2005). Trazendo o contexto de mudanças estruturais na forma de produzir conteúdo jornalístico, Pereira e Adghrin (2011) destacam três principais modificações na produção com a chegada do online: a aceleração dos fluxos de produção e disponibilização da notícia; a proliferação de plataformas para a disponibilização de conteúdo multimídia e as alterações nos processos de coleta de informação ("news gathering") e das relações com as fontes.

Segundo Pereira e Adghrin (2011, p. 9), "nada é mais velho que o jornal de ontem". Os autores declaram as mudanças do processo jornalístico como responsáveis pela sensibilização da perenidade do produto jornalístico. Além disso, afirmam que as mídias não possuem mais horário fixo, e as notícias são publicadas à medida que os fatos acontecem, diferente do jornal impresso ou revista.

Os atentados do dia 11 de setembro, que aconteceram em Nova York, nos Estados Unidos, são considerados um dos grandes marcos para o jornalismo digital. Para Rovai (2018), foi naquela época que a Internet demonstrou o poder do jornalismo, inclusive para o jornalismo brasileiro, onde a velocidade de entrega das notícias foi surpreendente.

2.2 Impacto da tecnologia na produção jornalística

No jornalismo contemporâneo, a automação surge como uma força transformadora, particularmente no âmbito do jornalismo online, onde a tecnologia facilita desde a coleta até a distribuição de informações. A implementação da automação de rotinas jornalísticas representa um avanço significativo, tanto em eficiência quanto em abrangência da cobertura.

Mielniczuk (2001) observa três fases distintas no que diz respeito ao jornalismo online. A primeira é denominada como transpositivo, e tinha como principal estratégia reproduzir produtos que faziam parte de grandes jornais para o modo online. Segundo a visão da autora:

É muito interessante observar as primeiras experiências realizadas: o que era chamado então de jornal online não passava da transposição

de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias. Este material era atualizado a cada 24 horas, de acordo com o fechamento das edições do impresso (Mielniczuk, 2001, p. 2).

Como abordado por Mielniczuk (2001, p. 01), "A Internet passa a ser empregada, de forma expressiva, para atender finalidades jornalísticas, a partir de sua utilização comercial, que se dá com o desenvolvimento da Web no início dos anos 90". Mielniczuk ainda afirma que antes do desenvolvimento do World Wide Web, popularmente conhecido como "www" já havia a possibilidade de divulgar informações por outros meios, como a distribuição por e-mail, porém, esta alternativa funcionava para um público bem seleto.

O uso contínuo do computador no meio jornalístico e na produção de notícias causou uma explosão de dados causados por diversos registros, criando um grande banco de dados online (Carreira e Squirra, 2017). Os autores ainda afirmam que "A partir disso, aconteceram novas mudanças na produção jornalística, uma vez que ela está inserida em um sistema cada vez mais complexo" (Carreira e Squirra, 2017, p. 05).

Mitchell (2009), menciona a complexidade que sistemas "inteligentes", os quais conseguem realizar tarefas automaticamente, possuem dentro de sua programação. Quando atrelamos esse conceito abordado pela autora ao jornalismo digital, notamos que a base de dados utilizada em produções jornalísticas acaba se tornando também um sistema complexo, conforme Carreira e Squirra (2017, p. 6) :

Apesar do jornalismo sempre ter sido baseado em dados, eles passaram a ter tanta complexidade em função do volume, da multiplicidade de fontes, da velocidade, entre outros fatores, que abriram espaço para as tecnologias estruturadas em algoritmos.

Os algoritmos, em uma definição inicial, são um conjunto lógico automatizado para realização de tarefas. Prado (2022) reuniu diversas definições sobre algoritmos que podem nos ajudar a compreender melhor este conjunto lógico.

Em meio aos exemplos citados, Prado (2022) define algoritmos como objetos instáveis que são influenciados pela ação humana e como soluções lógicas para resolução de problemas específicos que são transformados em linguagem de programação (Seaver, 2017; Peron, 2018).

Peron (2018, n.p) ainda salienta que essas instruções dadas ao algoritmo que depende do compartilhamento humano pode chegar de diversas maneiras:

Dependeriam de uma entrada de dados que pode se dar de diversas formas (dados de geolocalização, de consumo, comportamentais), por mais variados sensores (câmeras, celulares, sensores biométricos)", assim como a partir da programação imputada a ele, o que permite que correlacionem e produzam informações novas, como características de consumo, padrões de relacionamento etc.

Carreira e Squirra (2017) classificam os algoritmos como um "guia" matemático com comandos, que a partir de uma determinada seleção, o sistema transforma dados que entram em um outro resultado, resultando em uma velocidade superior ao usuário/jornalista, a qual ele não é capaz de alcançar manualmente.

A utilização do jornalismo automatizado por meio de algoritmos para redigir notícias, podendo também ser chamado de "NewsBots", segundo Lokot & Diakopoulos (2016) é uma das facetas mais notáveis dessa mudança. Ferramentas como o "Heliograf" do Washington Post, que foi estreada nas Olimpíadas do Rio, foram utilizadas para automatizar a produção de notícias em eventos de grande escala, como as eleições estadunidenses de 2016 (Washington Post, 2016).

A tecnologia em questão também foi utilizada na última eleição dos Estados Unidos, em 2020, de forma ainda mais avançada, utilizando a voz da inteligência artificial para atualizações em formato de podcast. Essa tecnologia permite a geração rápida de relatos informativos que demandaria, anteriormente, significativo tempo humano (Washington Post, 2020).

Na perspectiva de Bardoel e Deuze (2001), os desenvolvimentos da internet, no que diz respeito a notícias e jornalismo, trouxeram características definidas por interatividade, personalização de conteúdo, hipertextualidade e multimidialidade. A interatividade está relacionada ao público/leitor. Embora não tenha a ver com a velocidade de distribuição ou produção das notícias, ela se relaciona com o conceito de engajamento, fazendo com que o leitor se torne parte da notícia também (Bardoel e Deuze, 2001).

O segundo elemento citado pelos autores fala também sobre a relação entre o autor e o leitor e a sua possível personalização com a vinda do mundo online:

O jornalismo sugere que é melhor usar a personalização de conteúdo como característica definidora aqui, uma vez que a personalização também implica uma tendência associada ao debate sobre a indefinição moderna das linhas entre a esfera pública e a privada - especialmente nos meios de comunicação... Isso não significaria

adaptar o jornal ou o programa às necessidades e desejos percebidos de um público sem rosto sondado por empresas de pesquisa de marketing. Isso significa montar um produto jornalístico para atender o cidadão individualmente (Bardoel e Deuze, 2001, p. 6).

Já a terceira característica envolve a hipertextualização, ou seja, informação sob informação. O hipertexto trouxe diversas vantagens para notícias em texto online, pois o leitor consegue acessar diversos aspectos ou até explicações diretamente do conteúdo escrito pelo jornalista.

Bardoel e Deuze (2001, p. 7) trazem a importância do hipertexto para a experiência do leitor: "Para o usuário, isso significa que ele pode optar por reportagens concisas ou aprofundadas, correndo ainda mais a tradicional diferença entre tipos de notícias (cf. broadcast e impresso) e gêneros dentro da notícia (cf. reportagem e comentário)

A experiência exemplificada acima também se conecta com a última característica citada, que é a multimídia. Os autores utilizam a visão de Guay (1995), que explica o conceito no contexto do jornalismo, que nada mais é do que a possibilidade de migrar entre diferentes formatos de mídia: imagem, som e texto, gerando diferentes maneiras de contar uma história.

Dentro das transformações que o webjornalismo trouxe, Mielniczuk (2001) também traz características relevantes observadas, como a citada por Palacios (1999), que introduz sua lógica ao perceber que, por mais que o volume de materiais disponíveis seja consideravelmente maior, a facilidade de acesso a estes mesmos materiais ou até mesmo mais antigos é um fator compensante.

2.3 Tendências de processos jornalísticos internos

Como visto recentemente, nos últimos anos, o campo do jornalismo tem experimentado uma série de mudanças estruturais profundas que estão redefinindo a maneira como as notícias são produzidas, distribuídas e consumidas. A emergência de novas tecnologias digitais, junto à crescente influência das mídias sociais, tem desafiado os modelos tradicionais da profissão e a prática jornalística convencional.

Essas transformações resultaram na necessidade de um ambiente dinâmico e em constante evolução, onde a inovação tecnológica e a adaptação às novas

demandas do público se tornam cruciais para a sobrevivência e relevância das redações.

Analisando como estas convergências impactam o jornalismo contemporâneo e quais são as implicações para o futuro da profissão, Siapera e Veglis (2012) apontam quatro tendências principais: o crescimento do "emprego atípico" (aqueles considerados fora do padrão dentro da profissão de jornalista), demanda crescente por flexibilidade funcional e multiquificação à medida que as estruturas organizacionais e as responsabilidades nas redações se tornam menos definidas, desafios de uma carga de trabalho cada vez maior, exigindo mais flexibilidade temporal da força de trabalho e a redução drástica de trabalho de campo, fazendo com que jornalistas se sintam presos em suas mesas (especialmente editores).

Baseado no relatório feito por Walters, Warren e Dobbiem (2006, p. 6) entende-se como emprego atípico: "termo comumente usado para descrever tipos de empregos que não sejam permanentes e/ou em tempo integral". Podem ser exemplos os contratos de curto prazo, trabalhos terceirizados, trabalhos informais e temporários, ou trabalho freelance.

Na visão de Siapera e Veglis (2012) o jornalismo freelancer é uma alternativa pendurada em um polo negativo. Os autores concluem que este modelo de trabalho é uma alternativa que se tornou quase obrigatória para os jornalistas que querem um pouco mais de liberdade e flexibilidade no ambiente de trabalho, além de poder agregar mais valor na venda de seus produtos.

Com esta questão sendo posta em prática, os contratos permanentes e integrais são cada vez mais raros no mundo jornalístico. Siapera e Veglis (2012) citam a afirmação de Deuze e Fortunati (2010), que comentam sobre o fato de alguns dos repórteres ainda possuírem vínculo permanente com uma empresa, porém a maioria já teria migrado para trabalhos temporários.

Ao comparar com um relatório sobre jornalistas de 2008, realizado na região europeia de Flandres, o qual cita que mais de três quartos dos jornalistas ainda possuíam emprego fixo, Siapera e Veglis (2012) mostram outra realidade, diferente da apontada pelos autores Deuze e Fortunati (2010).

No Brasil, o vínculo empregatício dos jornalistas, segundo o relatório de pesquisa do perfil dos jornalistas brasileiros, realizado pela Universidade Federal de

Santa Catarina (UFSC) em 2021, comprova que quase metade destes profissionais ainda são consolidados pelas Leis de Trabalho.

Em dados exatos, cerca de 45,8% dos jornalistas possuem carteira assinada, 10,5% são servidores públicos, 6,1% trabalham como freelancer e 3,5% prestam serviço sem um contrato fixo, segundo a imagem abaixo:

Imagem 1 - Tabela de dados sobre vínculo empregatício de jornalistas 2021

	Frequência	Porcentagem válida
Carteira assinada (CLT)	1059	45,8
Servidor (a) público (a)	242	10,5
Sou MEI (Microempreendedor (a) Individual)	205	8,9
Cargo comissionado	148	6,4
Freelancer	140	6,1
Trabalho como pessoa jurídica (PJ) (sem funcionários ou sócios)	134	5,8
Dono (a) ou sócio(a) de empresa com funcionários	88	3,8
Contrato de prestação de serviços	85	3,7
Prestação de Serviço sem contrato firmado	82	3,5
Contrato público temporário	42	1,8
Contrato por hora/aula	17	0,7
Bolsista ou similar decorrente de programas públicos de incentivo à docência	13	0,6
Carteira assinada com redução de salário	10	0,4
Carteira assinada com período intermitente	3	0,1
Outra. Qual?	46	2,0
Total respostas válidas	2314	100,0

Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2021)

Ao compararmos os vínculos empregatícios do CLT e do freelancer em 2021, percebemos que, mesmo que o CLT continue sendo a principal fonte de renda dos jornalistas, o freelancer está ganhando cada vez mais destaque entre as opções listadas.

Trazendo a urgência de flexibilidade em redações jornalísticas, Siapera e Veglis (2012) mencionam outro processo que chegou com a convergência causada pela tecnologia, que é a necessidade taxada pelas redações dos profissionais se colocarem em um papel chamado "jornalista multimídia" (Longhi e D'Andréa, 2012, p.38):

Trata-se, em última instância, de uma crescente adesão ao perfil de um "jornalista multimídia" ou convergente, que é um profissional do qual se espera, entre outras habilidades operacionais, o domínio de técnicas de gravação e edição digitais e uma versatilidade para elaborar conteúdos com imagens, áudio, texto e gráficos.

Além das transformações levando a flexibilidade do profissional jornalista, Longhi e D'Andréa (2012) mencionam o modo em que os jornalistas já não produzem conteúdos exclusivos apenas para o próprio veículo, como era de costume. Neste novo modo de produção, há um aglomerado de profissionais trabalhando em conjunto dentro de um grupo de comunicação, compartilhando dados e materiais entre impresso, digital, TV e rádio, justamente por essa flexibilização que se faz tão necessária para os jornalistas em tempos atuais.

Para Salaverría e Garcia Áviles (2008, p. 35), a convergência de equipamentos analógicos para o digital trouxe outro fator importante a ser considerado. Com a facilidade de acesso à tecnologia e a informação pelo público geral, onde celulares, câmeras e computadores também fazem parte da rotina da maioria das pessoas, há outro processo envolvido que garante essa convergência: "Portanto, assim como há fenômenos de convergência dentro das empresas jornalísticas, é possível identificar processos paralelos de convergência entre as tecnologias especificamente utilizadas por esses meios".

Outra via trazida pelos autores Siapera e Veglis (2012) foi a demanda extraordinária que causam dificuldades com a grande carga horária enfrentada pelos jornalistas. Trazendo dados sobre o relatório de pesquisa do perfil dos jornalistas brasileiros, feito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2021 (Lima et al., 2021, p. 93):

O segmento mais representativo é aquele que trabalha entre 7 e 8 horas, representando 37,1% dos/as profissionais. Depois, de 9 a 10 horas, com 29,6%. Um percentual de 3,2% trabalha impressionantes 13 horas ou mais. A interpretação dessas respostas deve levar em consideração que essa carga horária de trabalho pode ser exercida não apenas com o jornalismo, uma vez que 21,57% desses/as profissionais exercem outra(s) atividade(s), nem sempre relacionada(s) à profissão.

Além disso, Siapera e Veglis (2012) construe o argumento de que, com a soma da vinda da tecnologia, junto a crescente demanda jornalística e a diminuição drástica das equipes de trabalho, jornalistas se veem mais presos às suas mesas de

trabalho, necessitando realizar o chamado "trabalho de desktop" que se concentra na produção de "shovelware", pegando conteúdo de outras mídias e o colocando ou reaproveitando em sua própria redação.

Na pesquisa realizada pelos autores holandeses Paulussen e Raeymaeckers em 2010 "Journalisten: profiel van een beroepsgroep" ou "Jornalistas : perfil de um grupo profissional", citada por Siapera e Veglis (2012, p. 202), mostra a redução do número de profissionais que já não saem da redação para ir atrás das notícias:

Quase nove em cada dez jornalistas profissionais flamengos (87%) disseram trabalhar regularmente ou sempre na redação. Um de cinco jornalistas acrescentaram que raramente ou nunca trabalham fora do escritório. Notavelmente, a porcentagem de jornalistas que dizem que nunca realizam trabalho de campo (e, portanto, sempre trabalham dentro do escritório) aumentou de apenas 4% em 2003 para 9% em 2008, enquanto a porcentagem de jornalistas dizendo que investem tempo todos os dias em "pesquisas fora da redação" caiu de 69% em 2003 para 59% em 2008.

Atualmente, outro cenário frequente da produção de conteúdo no jornalismo brasileiro é o "home office" ou trabalho em casa. Em 2021, a porcentagem de jornalistas que constataram trabalhar integralmente em seus lares foi de 61,3%. 24% trabalham em suas respectivas empresas e 10,9% realizam o chamado trabalho híbrido (uma parte em casa, outra na sede do trabalho).

Como visto, as transformações nos processos jornalísticos internos, impulsionadas pela convergência tecnológica e pelas mudanças nas estruturas de trabalho, têm impactado significativamente a prática jornalística.

Essas mudanças exigem um equilíbrio cuidadoso entre eficiência, precisão e qualidade, enquanto se navega pelas novas realidades do emprego atípico e da sobrecarga de trabalho. O futuro do jornalismo dependerá da capacidade dos profissionais e das organizações de se adaptarem a essas mudanças, mantendo a integridade e a qualidade da informação que fornecem ao público. Embora os desafios sejam grandes, as possibilidades de inovação e melhoria na prática jornalística são igualmente significativas.

3 Inteligência artificial, jornalismo e novos desafios para a profissão

Embora se acredite que a Inteligência Artificial (IA) é uma grande novidade contemporânea, ela é mais antiga do que pode parecer. A verdade é que ela foi abordada sistematicamente pela primeira vez em 1956, quando um grupo de cientistas, liderado pelo professor de matemática John McCarthy, se reuniu na Universidade Dartmouth para investigar as maneiras pelas quais as máquinas poderiam simular aspectos da inteligência humana: a capacidade de aprender e tomar decisões (Verdegem, 2021).

Esta tecnologia já havia dado alguns sinais 20 anos antes, durante a Segunda Guerra Mundial, em meados dos anos 30, no século XX, quando especialistas da época cogitaram a criação de um “cérebro artificial”, após o inegável feito o cientista da computação Alan Turing desenvolveu a chamada Máquina de Turing. Segundo Santaella (2023), a Máquina de Turing foi um conceito desenvolvido para definir precisamente o que significa "computabilidade" e "algoritmo", e buscou mecanizar o potencial do pensamento humano para o cálculo, tendo a sua ideia aprimorada com o passar do tempo, como também destaca Gomes (2023, p. 20):

Turing foi uma figura bastante influente no tocante ao desenvolvimento do que hoje se conhece por Ciências da Computação (com a formalização do conceito de algoritmo e computação), através da teoria das máquinas de Turing, que teve um papel relevante para o desenvolvimento da computação moderna (com a criação dos computadores digitais).

3.1 A Inteligência Artificial não é tão recente assim

A realização de Turing foi apenas o começo de uma preocupação intelectual. As aparições de ferramentas vindas desta descoberta, e o interesse sobre as possibilidades a serem exploradas, começaram a se tornar mais frequentes, visto que, no fim da Segunda Guerra Mundial, os cientistas já tinham registrado importantes avanços na área da eletrônica. Além disso, já possuíam estudos sobre mecanismos que buscavam imitar ações humanas, além das pesquisas sobre o cérebro humano, feito por médicos e psicólogos.

Isso resultou ainda em um grande encontro chamado Simpósio de Hixon, realizado nos Estados Unidos em 1948, antes mesmo do termo "Inteligência Artificial" ser cogitado. Neste evento, cada pesquisador apresentou seu protótipo de

pesquisa a fim de unir os resultados obtidos, compondo algo parecido com a mente humana (Barbosa, 2020).

Para que se entenda um pouco mais sobre o que é a Inteligência Artificial, como funciona, e quais são os aspectos e mudanças que ela traz, é preciso compreender que é uma tecnologia que vem sendo estudada há anos. Mesmo assim, ainda não existe uma definição exclusiva que delimite sua capacidade intelectual.

A IA é um ramo da informática que busca reproduzir a inteligência e o pensar humano. Dentro dela, existem subcampos que fazem com que ela consiga automatizar decisões, conforme os dados disponibilizados à máquina. Esses subcampos podem tratar do processo de Machine Learning (exemplificado acima) ou do Natural Language Processing (NLP) e Natural Language Generation (NLG). Ambos os exemplos são reféns da automatização em linguagem humana, ao invés de números, que são utilizados em máquinas (Cardoso, 2021).

Kaplan and Haenlein (2019) mencionam que uma das definições predominantes de inteligência artificial, caracteriza a IA como a capacidade de um sistema de interpretar corretamente dados externos, de aprender a partir desses dados e usar esses aprendizados para atingir metas e tarefas específicas através de uma adaptação flexível. A Inteligência Artificial começou com uma abordagem simbólica, na mesma época em que o professor de matemática John McCarthy realizava sua pesquisa sobre máquinas e o pensamento humano.

Os cientistas Herbert Simon e Allen Newell foram responsáveis por uma significativa descoberta na história da IA, progredindo seus conhecimentos em manipulação de máquinas à medida em que observavam estudantes discutindo a melhor forma de resolver quebra-cabeças de lógica (Mitchell, 2019). A análise dos pesquisadores resultou em um dos primeiros programas que utilizou a IA em sua composição, chamado General Problem Solver (Solucionador de Problemas Gerais), ou GPS. Esta ferramenta foi projetada primordialmente para imitar o processo da resolução de problemas feito por humanos de forma a ressignificar símbolos com uma série de regras (Mitchell, 2019). Com isso, surgiu o termo "Inteligência Artificial Simbólica".

Mitchell (2019, p. 34) introduz a inspiração por trás da Inteligência Artificial Simbólica e as abordagens subsimbólicas, que representam o subconsciente humano:

A IA simbólica foi originalmente inspirada na lógica matemática, bem como na maneira como as pessoas descreviam seus processos de pensamento conscientes. Em contraste, as abordagens subsimbólicas da IA se inspiraram na neurociência e buscaram capturar os processos de pensamento às vezes inconscientes subjacentes ao que alguns chamaram de percepção rápida, como reconhecer rostos ou identificar palavras faladas.

Um dos primeiros feitos representados pela IA subsimbólica foi também conquistado nos anos 50, pelo psicólogo Frank Rosenblatt (Mitchell, 2019, p.34):

Um dos primeiros exemplos de um programa de IA subsimbólico inspirado no cérebro foi o perceptron, inventado no final dos anos 1950 pelo psicólogo Frank Rosenblatt. O termo perceptron pode soar um pouco ficção científica dos anos 1950 para nossos ouvidos modernos (como veremos, logo foi seguido pelo "cognitron" e pelo "neocognitron"), mas o perceptron foi um marco importante na IA e foi o influente bisavô da ferramenta mais bem-sucedida da IA moderna, redes neurais profundas.

A complexidade de ambos os sistemas trouxe diversos desafios para o estudo profundo da ferramenta, pois, embora fosse um caminho para automatizar o pensamento humano, era trabalhoso, demorado e, às vezes, incompreensível. Além disso, fez com que não rendesse novas descobertas significativas até meados dos anos 70, quando o Conselho de Pesquisa Científica no Reino Unido e o Departamento de Defesa nos Estados Unidos marcaram negativamente os estudos sobre Inteligência Artificial (Mitchell, 2019).

Alguns dos aspectos negativos citados por Mitchell (2019), condizentes sobre a IA simbólica foram: o conhecimento limitado das ferramentas, a dificuldade com ambiguidade e incertezas, a manutenção e atualização trabalhosa, e a ausência de aprendizado autônomo. Já na IA subsimbólica, também há desafios que impediram que a metodologia alcançasse êxito, como a difícil interpretação e compreensão, requerimentos de dados e custos computacionais.

Trazendo a lógica demonstrada por Verdegem (2021), existem três elementos principais que podem fazer com que a Inteligência Artificial alcance diversos níveis, operando em conjunto: Big Data (dados grandes), Internet-of-Things (IoT) (internet das coisas) e Machine Learning (aprendizado de máquina). No entanto, esses elementos são aplicados de forma incorreta frequentemente.

Para a construção de um sistema baseado em IA, é preciso do uso de big data (Verdegem, 2021). O Big Data é uma ferramenta que atua na busca de informações que estão essencialmente envolvidas em conjuntos compostos por enormes quantidades de dados (volume), que são atualizados frequentemente (velocidade) e em vários formatos, como numérico, textual ou imagens/vídeos (variedade), (Kaplan; Haenlein, 2019 *apud* Verdegem, 2021).

Já o conceito "Internet-of-Things" ou internet das coisas, é uma das alternativas existentes para obter big data com mais precisão. Magrani (2021), afirma que todos os dias, "coisas" se conectam à Internet com capacidade para compartilhar, processar, armazenar e analisar um volume enorme de dados entre si. Essa prática é o que une o conceito de IOT ao de Big Data.

Casas totalmente automatizadas com assistentes pessoais digitais como a Alexa, da Amazon, ou o Google Assistant, relógios que monitoram 24h por dia sintomas corporais como batimentos cardíacos, quilometragem andada e calorias gastas junto à conectividade com o celular e fones de ouvido sem fio, carros que utilizam tecnologias de ponta que necessitam da Internet para sincronização de seu sistema e dados do dono são exemplos do conceito "Internet-of-Things". Esses dados são analisados por sistemas de Machine Learning em seu desenvolvimento, e que podem ser facilmente vistos e utilizados em nossas rotinas nos dias de hoje.

Sobre a abordagem de Machine Learning, para o sistema ser útil em nosso uso, ele precisa aprender quais são as funções executadas e quais são os caminhos que essas funções irão levar. Verdegem em seu livro "AI for everyone" traz a perspectiva de Mitchell (1997, p. 02), que "Um programa de computador é considerado capaz de aprender a partir da experiência E, com respeito a uma certa classe de tarefas T e medida de desempenho P, se seu desempenho nas tarefas em T, conforme medido por P, melhora com a experiência E".

A essência dessa definição é que um programa de computador terá sucesso em seu "aprendizado", se ele conseguir melhorar o seu desempenho em uma

determinada tarefa, baseando-se nas experiências anteriores, e é isso que traz a utilidade ao método de Machine Learning.

3.2 Desafios da Inteligência Artificial

Neste panorama de descobertas contínuas, a inteligência artificial também se encaixa como uma fonte de incertezas. A complexidade dessas tecnologias nos leva a questionar os desafios gerados pela falta de transparência ainda evidente da tecnologia. Kaufman (2016, p. 3) captura essa inquietação ao observar:

Outro fato inédito é que pela primeira vez o homem criou algo sob o qual não tem controle; os especialistas não são capazes de afirmar exatamente como as máquinas funcionam e como elas se comportarão no futuro. Decorre desse desconhecimento a origem dos riscos e do imponderável, afetando o futuro da humanidade.

Mitchell (2019) argumenta que, nos dias de hoje, a confiança nos sistemas de IA ainda se encontra comprometida pela opacidade inerente a muitos desses sistemas. Embora atualmente os modelos de aprendizado profundo tenham alcançado sucessos notáveis em várias aplicações, a dificuldade em interpretar como esses modelos chegam às suas decisões é uma barreira significativa para a confiança plena. A falta de transparência pode não apenas impedir os usuários de entender e confiar nessas tecnologias, mas também dificulta a identificação e correção de erros quando eles ocorrem (Mitchell, 2019).

Recentemente, um tipo de modelo de Inteligência Artificial Generativa, classificado como Large Language Model (grandes modelos de linguagem ou LLM's) ganhou força e popularidade pelo mundo todo. Essa subcategoria atribuída como "IAgen", possui algoritmos de aprendizagem profunda que podem reconhecer, resumir, traduzir, prever e gerar conteúdo usando conjuntos de dados muito grandes. Elas pertencem a uma classe de arquiteturas chamada de redes transformadoras.

Um transformador é uma rede neural que aprende o contexto e o significado rastreando relacionamentos em dados sequenciais. Ainda conceituando a ideia de inteligência artificial generativa, na visão de Beiguelman (2023, p. 01):

O termo "Generativo" refere-se à sua capacidade de gerar texto de forma autônoma, ou seja, sem a necessidade de entrada de um texto de origem para se basear. Você insere uma pergunta e o sistema

redige uma resposta. Isso não é mágica, mas resultado de ter sido "Pré-treinado" com milhões de textos para aprender a recompor seus enunciados e palavras em tarefas específicas, como responder suas perguntas. A recombinação e contextualização dos dados é feita pelo "Transformador" (Transformer).

A arquitetura proporcionada através desse transformador gerou o GPT, que teve suas atualizações para o GPT1, 2 e 3, até chegar no então ChatGPT, um modelo de chatbox criado pela empresa OpenAI e que possui uma base de dados imensa, podendo responder uma ampla gama de tópicos. Conforme a plataforma é abastecida com informações entregues pelos usuários que a utilizam, ela "aprende" de forma automática e elabora respostas em linguagem natural.

Após a aparição do ChatGPT, outras empresas como a Microsoft e o Google também criaram seus próprios chats baseados em inteligência artificial. Outro ponto é que veículos jornalísticos brasileiros como o Estadão também aderiram a esta tecnologia utilizando o modelo feito pela OpenAI como auxílio.

A utilização deste processo de construção, proporciona a utilização de dados sintéticos, ou seja, um material de Inteligência Artificial criado pela Inteligência Artificial, que pode eximir muitas empresas, futuramente, de processos sobre direitos autorais (O Globo, 2024).

Outro desafio apresentado ao longo do estudo dessa tecnologia é que não sabemos até onde o ChatGPT ou as inteligências de outras empresas podem chegar, pois não foram programadas para ter um fim, recolhendo cada vez mais diferentes informações para abastecer sua base de dados. Convém salientar, que os dados criados podem não serem tão confiáveis, pois erros podem ser gerados.

Seguindo a lógica, a quantidade de informações contidas nesses conjuntos também explana o que os cientistas da computação chamam de "alucinações" da inteligência artificial. Elas ocorrem quando o sistema exhibe uma resposta totalmente incorreta, não compactuando com a realidade. Existem diversos motivos que podem trazer essas alucinações à tona, como erros na programação do modelo, dados de treinamento incorretos ou incompletos, ou limitações nos algoritmos de aprendizado usados (Beiguelman, 2023).

A desinformação é uma realidade enfrentada desde o século XV, se proliferando principalmente a partir de quando Johannes Gutenberg inventou a prensa em 1439 (Soll, 2016). Porém, com a popularização da IA generativa, as

complexidades na identificação de "fake news" se tornam cada vez mais frequentes, visto que, como já citado anteriormente, podem alucinar e criar respostas em linguagem natural.

Essas consequências geradas pela imprecisão podem afetar gravemente a sociedade, e, principalmente, jornalistas que produzem conteúdo jornalístico online, já que diversos veículos estão aderindo à inteligência artificial para "aumentar a capacidade e de produzir notícias" (Cardoso; Baldi, 2021).

Em uma reportagem da CNN Portugal (2023) a manchete é relacionada a imagem do Papa Francisco feita por Inteligência Artificial no Midjourney, um gerador de imagens a partir da escrita, usando um casaco moderno. Tal imagem, pode ser confundida como verdadeira para pessoas não muito atentas aos detalhes.

Outra reportagem sobre este assunto que tomou grandes proporções, foi através da BBC NEWS (2023), em que o entrevistado Gary Marcus, professor da Universidade de Nova York (NYU), comenta sobre a jaqueta "descolada", de cor prata do Papa Francisco, feita com o programa. Para ele, a publicação na Internet deixou as pessoas confusas por algumas horas sobre a imagem ser ou não real.

Suzuki (2023) relata que seis meses antes Gary Marcus se pronunciou dizendo que algo inacreditável estava acontecendo na Inteligência Artificial naquele momento e que não era inteiramente para o bem. Segundo Martins (2023) as postagens falsas afirmavam que o casaco utilizado pelo Papa Francisco teria sido confeccionado por um estilista famoso.

A informação tomou grandes proporções, apontando o quanto pode ser perigoso o uso da Inteligência Artificial em relação à repercussão e exposição das pessoas. O episódio teve consequências inofensivas, mas foi uma amostra do potencial para inaugurar uma zona cinzenta permanente entre fatos e falsificações BBC NEWS (2023).

3.3 Inteligência Artificial e o jornalismo atual

Uma grande discussão está frequentemente vinda à tona quando o assunto é a inteligência artificial dentro do jornalismo: será que jornalistas podem ser substituídos por máquinas que aprendem? A verdade é que, além do intuito de aumentar a capacidade de produzir notícias, ela pode auxiliar em tarefas repetitivas

que consomem muito tempo aos jornalistas, liberando espaço em suas pautas para produzir conteúdo de qualidade, se dedicando a outros pontos importantes como contextualização, cruzamento de fontes, entrevistas, análises, e jornalismo de investigação (Cardoso; Baldi, 2021).

O uso da IA no jornalismo não é novidade, visto que é utilizado há tempos em tarefas básicas, como indexação e etiquetagem de conteúdo, transcrição de entrevistas, tradução de conteúdo, análise de largas bases de dados à procura de padrões ou anomalias, extração de dados sobre entidades (pessoas, instituições, locais, datas, etc.) de documentos e bases de dados e identificação de tendências e eventos nas redes sociais (Cardoso; Baldi, 2021).

Segundo as observações realizadas em estudo pela dupla Cardoso e Baldi (2021), os diversificados modelos de Inteligência Artificial são frequentemente utilizados por grandes organizações. Isso ocorre, pois dispõem de mais recursos, tempo, pessoas e dinheiro para se dedicarem à inovação e experimentação dessas ferramentas em sua rotina de trabalho.

Em um estudo desenvolvido por Beckett (2019) as motivações pelo uso de IA na rotina de trabalho também foram listadas em busca de uma melhora na eficiência, economia de tempo e produção completa para o público. Ainda nesta linha de raciocínio, houve alguns pontos divergentes como a maior capacidade de lidar com desinformação e verificação, e a melhora da funcionalidade da redação para novos conteúdos e serviços.

Além disso, também há ênfase na utilização da Inteligência Artificial nos modos de coleta de notícias, produção de notícias e distribuição, que podem resultar em um bom desempenho dentro do dia a dia do trabalho jornalístico. Ainda na visão de Beckett (2019, p 35), embora existam ferramentas inteiramente complexas, existem casos específicos que foram incluídos na rotina de produção com sucesso:

Extração de objetos/taggeamento automatizado (iluminou a caverna metafórica escura composta por nossos ativos não taggeados); verificação automática de fatos (detecção de afirmações e robochecagem, muito promissor); moderação de conteúdo (pré-moderation); fala para texto (principalmente em inglês; outras línguas ainda podem ser consideradas falhas); ferramentas de segmentação de anúncios; modelos de propensão; conteúdo gerado por máquina.

Em um estudo de caso em desenvolvimento contínuo pela Journalism AI na London School Of Economics And Political Science (LSE), podemos visualizar exemplos reais vistos em veículos do mundo inteiro, inclusive brasileiros como a Agência Pública, o Estadão e o Aos Fatos. Esses veículos adotaram o modelo de inteligência artificial generativa em suas redações a fim de utilizar o aprendizado de máquina para abrir novas oportunidades e melhorar o fluxo de trabalho de forma responsável.

Como visto anteriormente, à medida que os anos passam e a tecnologia avança, maiores são os casos de uso da inteligência artificial por jornalistas e empresas que levam ao seu público conteúdo jornalístico. Mas para isso acontecer de maneira eficaz, é necessário estabelecer uma política de uso, podendo haver distinções entre um veículo e outro, mas sempre tendo o dever de manter a transparência ao público.

Para além do jornalismo, é preciso considerar que a Inteligência Artificial está transformando todos os setores existentes na sociedade moderna. Segundo Cardoso e Baldi (2021, p. 11), os principais questionamentos ao aplicar esta inteligência são: "como a IA transforma a paisagem mediática como um todo. Qual o futuro do jornalismo quando a informação é distribuída por algoritmos ou produzida automaticamente? Quem tem propriedade intelectual sobre o conteúdo produzido pela IA?".

Rich e Kight (1994) consideram que a Inteligência Artificial é a área da ciência que exhibe de alguma forma características que se remetem à inteligência. Dessa forma, convém pensar sobre a influência e características dessa evolução e como ela repercutirá em vários segmentos.

Um ponto a ser observado e analisado em relação à Inteligência Artificial e a ética no jornalismo é a questão da imparcialidade. Ao serem utilizados os mecanismos da IA para produção de matérias, os resultados podem ser positivos ou não agradar. Segundo a Associação de Jornalismo Digital (AJOR, 2023) "Algumas ferramentas de IA foram criticadas por perpetuar a discriminação e a desigualdade, ao reforçar estereótipos e prejuízos".

Outro fator a ser destacado é a transparência necessária para a utilização consciente da ferramenta tanto nas rotinas de produção, como na comercialização do produto, conforme afirmam os autores Cardoso e Baldi (2021, p. 12):

É importante saber quem controla a IA ao longo da cadeia de produção e distribuição das notícias. Cada vez mais as notícias que as pessoas acedem são descobertas por pesquisa no Google ou via redes sociais, e os rankings da visibilidade desses conteúdos são em parte determinados por algoritmos de IA que não são desenhados e computados por organizações de notícias (mas sim pelas grandes plataformas digitais).

Ao utilizar a transparência como um princípio fundamental de ética no uso de inteligência artificial na criação de conteúdo jornalístico, não será apenas uma fonte de informação na visão do leitor, e sim de confiança, já que o jornalista está apresentando clareza no processo de funcionamento da tecnologia como auxílio, e, conseqüentemente, responsabilizando quem controla e supervisiona a utilização de IA (Cardoso; Baldi, 2021).

De acordo com Miller (2024), organizadora do Prêmio Pulitzer, grande premiação que nomeia trabalhos de excelência no jornalismo, na edição do ano de 2024 existiram cinco produções com o auxílio da inteligência artificial dentre as 45 reportagens classificadas. Para a próxima seleção, a banca solicitará a informação no momento da inscrição, deixando claro caso o concorrente se disponha a não utilizar Inteligência Artificial em suas redações e pesquisas.

Sobre a compreensão das pessoas e o sentimento de estranheza em relação a Inteligência Artificial, o psicólogo e professor de psicanálise Ronaldo Coelho aborda que as pessoas se relacionam cada vez menos umas com as outras ultimamente. Segundo Coelho (2023) as relações interpessoais têm se reduzido e a máquina vem assumindo um papel de substituição no que refere à relação entre humanos, ou seja, a Inteligência Artificial vem conquistando cada vez mais espaço.

A crescente evolução das tecnologias e da Inteligência Artificial, principalmente no meio jornalístico, para algumas pessoas, torna-se angustiante. Para Abreu (2023) o que causa medo nas pessoas é o sentimento de ser substituível no trabalho, em diversas atividades cotidianas ou, até mesmo em diálogos.

O rápido avanço do ChatGPT, juntamente com outras ferramentas de IA, possibilita a agilidade e alcance de informações, ou elaboração de discursos em tempo recorde. No que se refere ao Jornalismo, os cuidados devem ser redobrados, pois uma divulgação equivocada em rede nacional ou até mesmo regional, pode levar a consequências ou prejuízos irreversíveis.

Desta forma, enquanto a Inteligência Artificial continua se integrando e remodelando o campo jornalístico, é essencial manter um equilíbrio entre a inovação tecnológica e a ética jornalística, garantindo que a utilização dessas ferramentas amplie a qualidade e a integridade da informação, sem comprometer a essência crítica e a responsabilidade social que definem o jornalismo.

4 - Metodologia

Para a elaboração deste trabalho acadêmico, foi conduzida uma pesquisa documental e bibliográfica, com o objetivo de reunir e analisar informações sobre as transformações nos processos jornalísticos e o impacto da inteligência artificial na profissão.

A investigação focou em compreender como a IA evoluiu até o estado atual e como as mudanças tecnológicas têm afetado o jornalismo e seu processo de criação.

Além da pesquisa documental e bibliográfica, a próxima etapa do trabalho teve foco em entrevistas assíncronas com cinco jornalistas gaúchos. O número de profissionais e a localidade serviram como um parâmetro para a delimitação do tema escolhido, mas sem deixar de descartar diferentes pontos de vista dos profissionais.

Foram selecionados cinco perfis que possuem áreas de atuação semelhantes dentro do jornalismo, e que se encaixam nos requisitos estabelecidos inicialmente: trabalhar em um veículo, atuar diariamente com redação, ser repórter/editor, e utilizar ferramentas baseadas em IA na rotina de produção. Dentro da análise eles não serão identificados.

Essas entrevistas buscaram explorar as percepções e experiências imediatas dos jornalistas em relação aos novos métodos de produção jornalística com o uso de inteligência artificial. No total, foram 13 perguntas estruturadas em torno de três tópicos principais: uso de ferramentas de IA, regras e formação, e percepção dos impactos da IA.

Um dos princípios para a escolha do profissional a ser entrevistado estava no uso frequente das ferramentas na rotina de produção jornalística, para que as respostas se concentrassem em quais e como as ferramentas baseadas em IA são utilizadas, e não na possibilidade da utilização em si.

Para saber mais a fundo a opinião pessoal de cada profissional entrevistado, foram abordadas três perguntas iniciais: "quais ferramentas baseadas em IA são utilizadas na sua rotina de produção de notícias?", "com qual frequência você utiliza elas?" e "para o que você não usa estas e outras ferramentas que possuem IA em seu sistema?". Estas perguntas serviram para entender o que o profissional vem testando em sua rotina de trabalho, independente de sua perspectiva definida.

Tendo em mente a amplitude que é utilizar inteligência artificial, é preciso especificar os limites e o espaço que este sistema pode ocupar dentro da produção jornalística. Com isso, mais quatro perguntas foram incluídas: "existe alguma regra interna definida para o uso consciente de IA dentro do veículo que você atua?", "já teve alguma formação ou treinamento oferecido pelo veículo sobre os usos de IA?", "você já buscou alguma formação ou treinamento por escolha própria?" e "você acredita que há espaço para mais treinamento ou formação sobre o uso de inteligência artificial no jornalismo? Que tipo de treinamento seria mais útil?".

Nestes questionamentos, o intuito foi analisar como as redações estão lidando com essas transformações no modelo de produção, procurando entender sobre o interesse, tanto dos veículos como dos jornalistas, de aprofundarem suas percepções com propriedade, além de seguir limites éticos dentro destas mudanças.

Quando mencionamos experiências com sistemas baseados em inteligência artificial como um uso rotineiro, tendem a surgir aprovações e desaprovações por parte dos profissionais, criando um divisor de águas a respeito das ferramentas que utilizam este tipo de sistema. A oitava pergunta "você já enfrentou alguma resistência ou hesitação por parte de outros jornalistas ao adotar novas ferramentas de inteligência artificial?" tem como objetivo esboçar um pouco mais de como o conjunto inteiro da redação está se expressando com essa inserção.

No que diz respeito às particularidades de cada trabalhador e as indagações que os fazem adotar novos recursos em seu cotidiano, é preciso perceber os impactos que a inteligência artificial está gerando na prática jornalística individualmente. Os jornalistas foram questionados sobre os benefícios gerados, se há ou não mudanças com as fontes, e os impactos da IA sobre a qualidade e precisão das informações: "quais são os principais benefícios percebidos no uso dessas ferramentas na produção de notícias?", "você percebe alguma mudança dentro do veículo com relação entre jornalistas e suas fontes devido ao uso de inteligência artificial?" e "como você acredita que a inteligência artificial está impactando a qualidade ou a precisão das notícias no seu trabalho?".

Finalizando a entrevista, duas perguntas foram incluídas no questionário, uma reforça a ideia do uso ético das ferramentas, trazendo as possíveis preocupações que o jornalista pode ter durante esta utilização: "você tem alguma preocupação

ética relacionada ao uso de inteligência artificial na produção de notícias? Em caso afirmativo, quais são essas preocupações e como elas podem ser abordadas?".

Já a última procura trazer a perspectiva destes profissionais para o que já foi citado anteriormente, que é a necessidade de personalização de conteúdo jornalístico para diferentes públicos. Com diferentes resultados que pode obter através da IA, o questionamento final foca em saber se realmente o uso dessas ferramentas auxiliam na dinâmica de personalização de materiais jornalísticos. Neste caso, a questão abordada foi: "você acredita que o uso de inteligência artificial pode contribuir para a personalização ou segmentação de conteúdo para diferentes públicos?".

O conjunto de perguntas resultam em informações relevantes e suficientes para uma análise completa deste momento de transformações que a inteligência artificial está trazendo para o modelo de produção jornalística das redações gaúchas.

5 - Análise

Para analisar todo o conteúdo obtido através das conversas, foi necessário agrupar os dados em uma tabela que resume os principais tópicos citados, os comentários mais recorrentes entre os jornalistas, as perspectivas divergentes e os benefícios notados durante a utilização de ferramentas baseadas em inteligência artificial, criando assim, uma análise mais aprofundada do momento de transformações digitais que os jornalistas estão inseridos nos dias de hoje.

Para viabilizar o contexto em que nos encontramos com a inserção da IA em redações, como já mencionado na metodologia, foram selecionados cinco perfis para serem entrevistados. Nesta análise, a fim de obter uma base de como estes profissionais trabalham em sua rotina de produção, os perfis serão nomeados como Jornalista 1, Jornalista 2, Jornalista 3, Jornalista 4 e Jornalista 5.

O Jornalista 1 pertence a faixa etária dos 25-30 anos, atua como repórter freelancer, adquirindo experiências em diversos veículos durante sua trajetória profissional. Hoje em dia, mantém seu foco no jornalismo investigativo, fazendo parte de um veículo nacional independente especializado em transparência e tecnologia. Atua na capital gaúcha.

O Jornalista 2 é repórter de um veículo gaúcho, e produz conteúdo para três portais diferentes em sua rotina, não possuindo uma editoria específica. Atua no interior do estado e se encontra na faixa etária dos 30-35 anos.

O Jornalista 3 se encontra na faixa etária dos 35-45 anos, construiu diversas experiências em rádios do Rio Grande do Sul, e agora, possui seu veículo próprio de comunicação. Embora seu grande foco seja mediar o contato entre empresas e mídia, o profissional também produz conteúdo diariamente para seus clientes, cobrindo eventos e construindo materiais próprios. Atua na capital gaúcha.

O Jornalista 4 também pertence a faixa etária de 25-30 anos, é repórter de um veículo tradicional gaúcho, e tem seu foco voltado para o jornalismo de dados, no qual atua diariamente dentro da empresa. Atua na capital gaúcha.

O Jornalista 5 atua no interior do estado, em um veículo tradicional gaúcho. É repórter e também produz conteúdos focados em redação para portais diferentes do mesmo veículo. Se encaixa na faixa etária de 25-30 anos.

5.1 A usabilidade das ferramentas e sua frequência

Uma das citações vistas no capítulo 3 sobre o uso de IA na rotina profissional foi a de Becket (2019), que realizou um estudo e concluiu que uma das maiores motivações para utilizar ferramentas que contenham IA foi a melhora na eficiência, economia de tempo e produção completa para o público. Além disso, em seu estudo também foi apresentada uma maior capacidade de lidar com desinformação e verificação, e melhor funcionalidade da redação para novos conteúdos e serviços.

Ao realizar entrevistas com cinco repórteres gaúchos diferentes, percebemos algumas semelhanças e repetições entre eles, no que diz respeito às ferramentas utilizadas em sua rotina de produção.

O mais mencionado entre eles, sendo utilizado por todos, é o ChatGPT, modelo de inteligência artificial generativa que tem sido um grande motivo de questionamentos dentro do mundo jornalístico, como citado no Guia básico de IA no jornalismo, lançado pela Farol Jornalismo:

Por um lado, parecem sistemas mágicos quando respondem perguntas ou atendem a instruções (prompts) de maneira certa. Por outro, ainda erram bastante. Mas só o fato de, às vezes, acertarem e potencialmente ajudarem a diminuir o tempo perdido em tarefas rotineiras abriu um universo novo de possibilidades. E inúmeros questionamentos. (Carpes, 2023, p.2).

Com o surgimento desta ferramenta que entrega diversas possibilidades tanto para jornalistas como para profissionais de diversas outras áreas, a curiosidade e consequentemente a popularização do uso do ChatGPT vem se tornando cada vez mais frequente em redações.

Em segundo lugar, outras ferramentas que utilizam a IA em sua base para transcrição de áudios também se fazem muito presentes na rotina jornalística. Escriba, Chatbox e Vira Texto são diferentes plataformas que agilizam o processo chamado decupagem, que consiste em transformar diferentes tipos de áudios em texto, trazendo mais rapidez nesta prática jornalística que antes era realizada de forma totalmente manual.

Clarice.ai é outra ferramenta mencionada nas entrevistas, utilizada principalmente para auxiliar na correção de textos e proposição de novas ideias para a produção textual, além de criar textos "profissionais" focados em marketing,

anúncios entre outros semelhantes. Nesta análise, a plataforma teve seu uso mencionado exclusivamente para a edição e melhoria de textos.

Outros dois sistemas também estiveram entre as menções das fontes utilizadas nas entrevistas, Pinpoint e Legistatech, estes, possuem o público alvo definido, que são os próprios jornalistas. O Pinpoint é uma criação da Google, e foca na análise de documentos em grande escala, podendo ser arquivos escritos, imagens, áudios, entre diversas outras opções. Além disso, também oferece serviços de transcrição de áudio.

O Legistatech é uma ferramenta do Núcleo Jornalismo que possibilita os jornalistas monitorarem documentos públicos que se originam de órgãos oficiais, lançando relatórios com os dados de interesse automaticamente.

Considerando os exemplos citados acima, os sistemas baseados em IA que são utilizados pelos entrevistados dentro de uma redação auxiliam, em sua maioria, em tarefas simples e diárias de um jornalista. Em resultado a estas utilizações, as respostas obtidas sobre a frequência de uso foram quase que unânimes: varia de acordo com as demandas.

Dentre as respostas, os sistemas que realizam as transcrições de áudio são utilizados, pela maioria dos jornalistas, diariamente. Na visão dos entrevistados, é o que mais traz agilidade para a rotina corrida dentro das redações. Já os que auxiliam diretamente na construção de textos têm seu uso questionado por alguns e aprovado por outros, como é o caso do Jornalista 2, que utiliza em textos mais complexos e longos, e do Jornalista 3, que estuda comandos certos para fazer esta utilização durante a construção. Em seus argumentos, o uso dessas ferramentas são quase que superficiais, e precisam ser muito bem aplicadas.

Os entrevistados também foram questionados sobre as tarefas para as quais eles não usariam sistemas baseados em IA em suas rotinas. Mais uma resposta unânime foi encontrada: escrever textos. Todos os jornalistas afirmaram que não é aconselhado confiar em reportagens ou textos escritos integralmente por uma inteligência artificial, embora alguns usem em sua construção.

Nesta linha de raciocínio, também há quem seja contra a utilização de IA para a escrita de qualquer tipo de texto, não utilizando de forma alguma os exemplos citados para tarefas que envolvam a escrita.

Outros casos também foram levantados pelos participantes, porém, um em específico esteve em destaque: a utilização de IA precipitada para a construção de perguntas de entrevista. O Jornalista 4 enfatizou que não utiliza nenhuma ferramenta na hora de realizar esta atividade, o que entrou em sincronia com um relato exposto pelo Jornalista 1:

Certa vez, já tentei usar o ChatGPT para ele me sugerir perguntas a um entrevistado. Era uma pauta de ciência sobre o núcleo da terra. Inicialmente achei genial o que ele me sugeriu, mas fui pesquisar mais sobre e no fim ele me sugeriu bobagens terríveis, trocando conceitos e inventando coisas. Se tivesse chegado na entrevista com aquelas perguntas, teria passado vergonha.

O Jornalista 1 afirma ainda usar a ferramenta para coisas pontuais como ele mesmo cita, referenciando um post feito no LinkedIn pelo coordenador de Inteligência de Dados no Insper, Pedro Burgos: "Quando a IA é melhor que a comunicação do governo". Neste post, Burgos (2024) exemplifica o uso do ChatGPT para recomendações de postagens para uma instituição específica.

Por sua vez, o Jornalista 1 afirma já ter usado a ferramenta para pedir sugestões de abordagens em pautas. Em sua perspectiva, a ideia exposta por Burgos (2024) funciona muito bem para ajudar a organizar e pensar as pautas, e assim conclui que as IAs generativas são particularmente boas em dar sugestões.

Além destas afirmações, outros contextos também foram mencionados como não utilizáveis por um dos entrevistados: criação de imagens e áudios gerados por IA, fonte de pesquisa para assuntos variados ou busca de fontes para pautas.

A criação de imagens, vídeos e áudios com a IA está cada vez mais repercutida, em sua maioria, negativamente. O exemplo citado no capítulo 3 (p. 24) , no qual o Papa Francisco teve sua imagem distorcida ao publicarem uma foto onde ele supostamente vestia uma jaqueta descolada, é apenas um dos casos viralizados.

E não acaba por aí. Aplicativos de fácil acesso como Canva, CapCut e até efeitos do TikTok estão testando diversas faces da IA, tanto em fotos como vídeos, para ver até onde esses sistemas conseguem alcançar.

Recentemente outro caso envolvendo o uso indevido de fotos, desta vez para um treinamento de uma plataforma de IA, foi descoberto. A plataforma alemã

LAION-5B possuía cerca de 170 fotos de crianças em seu banco de imagens, sem permissão de uso de algum responsável.

Segundo a reportagem publicada no portal Agência Brasil (Fotos [...], 2024), relata a facilidade que é a criação das chamadas "deep fakes", que são adulterações de sons e imagens de alguém por meio da inteligência artificial. Ainda, a repórter entrevista a coordenadora do Programa Criança e Consumo do Instituto Alana, Maria Mello, que explica como as leis brasileiras estão defasadas quando se trata do mundo online. Em sua visão, a ética sobre esses programas de IA serão melhores aplicadas quando as leis enrijecerem o suficiente.

Assim como o Jornalista 2 menciona a não utilização de imagens e áudios criados por inteligência artificial dentro da redação jornalística, a referência citada anteriormente, escrita por Mitchell (2019), entra em concordância com esse relato. Em sua grande maioria, isso pode resultar ao veículo a perda de credibilidade, falta de confiança e ainda mais dificuldade para identificar os conteúdos indevidos gerados integralmente por IA.

5.2 Regras internas, ética e formação

Questionados sobre a possibilidade de haver regras internas para o uso de ferramentas baseadas em IA nos veículos que atuam, os entrevistados apresentaram algumas variações em suas respostas. No total, apenas um jornalista relatou ter de seguir regras formais e específicas para o uso destes meios, que foi o Jornalista 1.

O Jornalista 4 afirma ter o uso de ferramentas como o Escriba incentivado e custeado pelo veículo, mas que não possui regras explícitas sobre o uso do mesmo. O Jornalista 2 teve um relato parecido, concluindo que não lhe foi especificado em momento algum regras para o uso dessas ferramentas dentro do veículo.

Neste momento, outro relato em sincronia foi notado entre o Jornalista 3 e o Jornalista 5, que mencionaram diretrizes implícitas ou práticas internas não regradas que guiam o uso de IA, focando apenas na revisão do conteúdo e respeitando a ética do trabalho jornalístico.

Para analisar mais a fundo como esse uso de IA é aplicado, se fez necessário questioná-los sobre possíveis formações e cursos para jornalistas sobre o uso ético

das ferramentas, como explicado anteriormente. Porém, a resposta negativa predominou entre quatro dos cinco jornalistas entrevistados.

A única resposta positiva obtida foi exclusivamente a respeito de um breve treinamento que o veículo viabilizou para o uso de uma ferramenta de transcrição de áudio, que foi incentivada pela empresa. Porém, outros possíveis treinamentos com as diversas possibilidades existentes não foram aplicados nem mencionados pela coordenação da equipe.

Em relação à procura voluntária de materiais que possam auxiliar no uso ético desses sistemas baseados em IA, o cenário se diverge, pois o interesse pessoal acaba se sobressaindo, porém, de uma forma não sistematizada.

Métodos como treinamentos informais, pesquisa de materiais online e leitura de ebooks foram alguns dos citados para tentar se aprofundar mais no assunto. A exceção se encontrou no Jornalista 4, que possui uma base por estar cursando MBA em jornalismo de dados. Outros dois jornalistas afirmaram não ter realizado nenhum preparatório por vontade própria.

Ao contrário das respostas negativas vindas da maioria dos jornalistas sobre ter sido oferecido ou não algum treinamento por parte dos veículos, todos acreditam que caberia e seria até de extrema relevância a empresa investir nesse tipo de formação para a sua redação.

Embora os argumentos estejam em concordância sobre a necessidade da proposição de treinamentos, cada jornalista apresentou sua particularidade ao responder quais tipos seriam mais úteis em suas visões, como mostra a tabela:

Tabela 01 - Pergunta 7

	Jornalista 1	Jornalista 2	Jornalista 3	Jornalista 4	Jornalista 5
--	--------------	--------------	--------------	--------------	--------------

<p>Existe espaço para mais treinamentos? Quais tipos?</p>	<p>Sim, uma formação crítica do uso de IA, focando no suporte analítico e na extração de dados, não em fórmulas prontas para redigir textos.</p>	<p>Sim, especialmente para transcrição de áudio e edição de texto.</p>	<p>Sim, mas os treinamentos devem ser rápidos e práticos devido à dinâmica do trabalho. As ferramentas são autodidatas e o aprendizado é contínuo.</p>	<p>Sim, treinamentos relacionados a busca reversa de imagem, para pautas mais investigativas, checagens entre outras.</p>	<p>Acredito que plataformas que facilitem nossa vida (transcrição, formatação de textos como bold e hiperlink) ajudariam. A empresa estuda formas de implementar IA para isso. Hoje são elas que proporcionam as previsões do tempo e horóscopo pro site. Mas nada além disso.</p>
--	--	--	--	---	--

Fonte: Thainá Borelli (2024)

Considerando suas respectivas respostas, é possível enxergar que, apesar de exercerem funções profissionalmente parecidas diariamente, o uso de IA disponibiliza várias ramificações que despertam interesses distintos entre os participantes, alguns demonstrando mais disposição em investigar essas ferramentas, já outros se encontram mais fechados para esta possibilidade.

Ainda analisando questões éticas por trás do uso de IA dentro da redação jornalística, as preocupações apontadas pelos profissionais são bastante consideráveis, visto que, como já exemplificado pela perspectiva de Siapera e Veglis (2012) no capítulo 2, as transformações têm gerado inseguranças tanto com o futuro da profissão, como com a multiquificação sendo exigida em diversos ambientes de trabalho.

A inquietação mais relevante foi o receio diante da substituição do profissional jornalista por sistemas baseados em IA, mesmo acreditando que, com as ferramentas que são conhecidas hoje, não seria possível fazer uma análise jornalística tão profunda quanto a de um ser humano.

Partindo desta lógica, a perda de credibilidade por parte do jornalista também foi mencionada, quando há um "copiar e colar" envolvido dentro de um material,

podendo levar a erros considerados graves e até plágio. Outro fator interessante notado nesta análise foi a produção em massa de desinformação, mencionada pelo Jornalista 1 como uma das consequências que podem ser geradas pela IA.

Em sua perspectiva, o Jornalista 1 ainda frisou a possibilidade de alucinação das ferramentas, principalmente quando se trata do ChatGPT. Este risco já foi mencionado no capítulo 2, onde foi explicado, pelos conceitos de Beiguelman (2023), que podem existir diversos fatores para que estas alucinações aconteçam em um sistema que tem a IA em sua composição.

5.3 Transformações no modo de comunicar

Como já mencionado também nos capítulos acima, a inteligência artificial chegou nas redações como um verdadeiro divisor de águas. A análise com os cinco perfis entrevistados também comprovou que, cada vez mais, os jornalistas estão se manifestando contra ou a favor do uso.

Três dos cinco jornalistas que participaram disseram ainda não ter percebido nenhuma resistência ou hesitação por parte de seus colegas de trabalho. Porém, os Jornalistas 2 e 3 evidenciam alguns comentários devido ao crescimento do uso de IA em tarefas dentro da redação.

Na concepção do Jornalista 3, por exemplo, muitos colegas ainda possuem um bloqueio por medo de exercer suas funções incorretamente após o costume deste uso contínuo. Por outro lado, este perfil se diferencia dos outros participantes por possuir uma empresa própria de comunicação e assessoria, e com isso, os comentários também surgem por parte de seus clientes. Nestes casos, o Jornalista 3 destaca que o principal método de comunicação que aplica é a transparência:

Eu tenho sido bem transparente com todos os clientes de como eu estou usando as ferramentas de inteligência artificial, para que fique claro que assim como o Google surgiu e nos impulsionou no trabalho, vieram outras ferramentas que estão ajudando a qualificar a nossa profissão.

A fala do Jornalista 3 reforça o conceito apresentado no capítulo 3 por Cardoso e Baldi (2021), que referem a transparência como um dos principais pontos na hora da utilização de IA na construção de algum conteúdo, seja para o público, seja para algum cliente. Desta maneira, o receptor não só cria uma laço como fonte de informação, mas também de credibilidade e confiança.

Outra questão relevante também foi apontada pelo Jornalista 2, que enxerga mais hesitação por parte de jornalistas mais experientes, com anos de prática no mercado, mas que não é uma regra fixa. Para ele, essa hesitação não é vista como uma resistência ou até uma romantização dos antigos métodos que eram adotados em redações.

Em relação ao contato praticado entre jornalistas e fontes, a inserção de ferramentas com inteligência artificial não trouxe nenhuma grande mudança no entendimento de quatro dos cinco jornalistas.

Em resposta contrária ao do restante, o Jornalista 3 acredita que a principal mudança, em sua perspectiva, é a agilidade que o uso destas ferramentas traz, auxiliando na economia de tempo, e conseqüentemente, também o ajuda no momento de responder seus clientes e fontes de forma mais dinâmica.

Embora, em sua grande maioria, não haja diferença na relação entre jornalistas e fontes no ponto de vista dos profissionais entrevistados, a questão relacionada à personalização de conteúdo obteve resultados interessantes e diversificados.

Enquanto dois jornalistas (2 e 3) entendem que, sim, ferramentas baseadas em IA podem auxiliá-los na personalização de conteúdo para seu público, diferindo as formas de interação, linguagem e até uma breve tradução de termos complexos a olhos leigos, o Jornalista 1 constroi um argumento contrário. Em sua resposta, ele explica que essa personalização já existe, mas pode não ser benéfica:

Os algoritmos de recomendação das plataformas digitais já fazem isso. Inclusive, o grande apelo das "fake news" é que elas justamente provém distorções da realidade ao sabor dos vieses de um determinado público. Ela é personalizada e segmentada, turbinada pelos algoritmos das redes que encontram o público perfeito para aquele determinado conteúdo sem se importar se ele é veraz ou não. Nosso trabalho, por outro lado, trata de fatos – e eles não podem ser "personalizados". Alguns temas noticiosos, no entanto, até podem ser segmentados, eu diria.

Ainda construindo seu argumento, o Jornalista 1 complementa que o uso de IA pode até colaborar com essa entrega para o público certo, mas pelo jeito predominante que algoritmos de recomendação têm sido usados nas mãos das big techs, é justamente esse uso (segmentação, personalização de notícias) que tem prejudicado nosso tecido social, espalhando polarização e mentira.

É importante frisar que o termo Big Techs, ou Tech Giants é utilizado para definir grandes empresas que atuam na tecnologia da informação, e geralmente se

refere às cinco maiores empresas estadunidenses e do mundo: Google, Apple, Meta, Amazon e Microsoft.

Os outros dois Jornalistas (4 e 5) não tiveram uma resposta formulada, por não terem certeza de como as ferramentas baseadas em IA poderiam agir na personalização de conteúdo jornalístico.

5.4 Impactos na rotina de produção: benefícios e desvantagens

O avanço tecnológico, a chegada da internet e do mundo online impactaram vigorosamente o modo de produzir material jornalístico, como já foi comentado nesta pesquisa, onde foi explorada a visão de Siper e Veglis (2012), a qual define a vinda da tecnologia, somada ao crescimento da demanda jornalística e a diminuição drástica das equipes de trabalho resultantes pelo sentimento de jornalistas se verem mais presos às suas mesas de trabalho.

Veículos jornalísticos necessitam cada vez mais de desenvoltura e velocidade para suprir suas demandas diárias, e por consequência disso, passou-se a menosprezar a qualidade e enfatizar a agilidade. Nesta análise, o adjetivo mais frequente dentre os benefícios citados foi a palavra agilidade, por diversos motivos particulares.

Seja para transcrever uma longa entrevista, gerando uma grande economia de tempo, ou até realizar cálculos demorados com diversos dados diferentes, a inteligência artificial, mesmo com todas as suas incertezas, apresentou benefícios para a rotina produtiva dos entrevistados pela agilidade que ela oferece.

Organização de dados, refinamento de materiais e a automatização de tarefas, embora possam ser considerados afazeres simples, são precisamente repetitivos e sempre exigem uma atenção extra do profissional.

"Deixam as coisas mais ágeis", "consigo fazer reportagens em menos tempo", "gera rapidez na criação de conteúdos e facilita a precisão de termos técnicos", "é um 'quebra galho' para as pequenas tarefas que temos" são alguns dos comentários fornecidos pelos entrevistados quando questionados sobre os impactos que enxergavam com a inserção de ferramentas baseadas em IA no jornalismo.

O cenário que pode ser enxergado neste momento é de bastante insegurança. Ao mesmo tempo que existem jornalistas classificando a inteligência

artificial como aliada, não sabem até onde ela pode chegar e muito menos a dimensão dos estragos que pode vir a trazer.

Embora tenha sido mencionado diversos pontos positivos no quesito agilidade, todas as respostas tiveram questões que potencialmente podem ser mais negativas do que positivas se houver descuido de um ser humano.

Para encerrar esta análise de forma prática, e também exemplificar como essas plataformas citadas durante o projeto de fato funcionam, foi exercida uma análise teste destas respostas fornecidas pelos jornalistas pelo ChatGPT (a versão gratuita). Nesta análise teste, foi pedido para a inteligência artificial se foi identificado mais pontos positivos ou negativos nas respostas obtidas pelos entrevistados .

O comando utilizado para este breve teste foi:

Chat, entrevistei 5 jornalistas a respeito de suas perspectivas sobre a inserção de inteligência artificial nas rotinas de produções jornalísticas em redações. No total, foram 13 perguntas. Vou copiar e colar as perguntas e respostas de cada um e você terá que fazer uma análise completa dizendo se viu mais pontos negativos ou positivos abordados entre os 5 jornalistas. As respostas são longas e tem bastante conteúdo, analise minuciosamente e no final faça sua conclusão.

O resultado desta análise foi majoritariamente resumida, porém, em sua conclusão, o sistema conseguiu identificar pontos negativos e positivos semelhantes aos apontados aqui durante toda a análise realizada.

Imagem 02 - Conclusão da análise realizada por inteligência artificial.

Conclusão

A análise das respostas revela uma percepção predominantemente positiva sobre o uso da inteligência artificial na produção jornalística, especialmente no que diz respeito à agilidade e eficiência. No entanto, os jornalistas demonstram preocupações éticas significativas, principalmente relacionadas à precisão, credibilidade e potencial para desinformação.

Pontos Positivos Mais Comuns:

- **Agilidade e Eficiência:** Economia de tempo na transcrição de áudios e organização de dados.
- **Aprimoramento de Conteúdo:** Sugestões de pautas e correções de textos.

Pontos Negativos Mais Comuns:

- **Riscos de Precisão:** Preocupação com alucinações e imprecisões das IAs generativas.
- **Preocupações Éticas:** Medo de perda de credibilidade e potencial para plágio e desinformação.

Em resumo, os jornalistas reconhecem os benefícios práticos das ferramentas de IA, mas são cautelosos quanto à sua aplicação direta na produção de conteúdo, enfatizando a necessidade de revisão humana e uma abordagem ética rigorosa.

Fonte: Borelli (2024).

Entretanto, a sensibilidade humana em relação ao acompanhamento dos fatos expostos pelos entrevistados continua sendo necessária, visto que a metodologia utilizada pela IA ainda é extremamente superficial, não conseguindo incluir os pontos essenciais como as inseguranças geradas, suas perspectivas e desejos individuais.

6 Conclusão

O jornalismo com o passar do tempo tem sofrido diversas alterações, tanto em sua composição como no modo de ser produzido. A forma em que se resume a rotina produtiva dos jornalistas hoje já não é a mesma de 50 anos atrás, nem 20 e nem 10. A popularização da tecnologia trouxe à profissão diversas ferramentas inovadoras no modo de produzir, distribuir e consumir jornalismo.

Como visto nos capítulos anteriores, embora a profissionalização do jornalismo tenha acontecido somente entre 1830 e 1900, ela já era exercida em formato de rodas de conversa na época classificada como pré história do jornalismo, que aconteceu entre 1631 e 1789.

Para chegarmos a modernidade que se encontramos hoje, a profissão teve de passar por diversas reestruturações com a chegada de novas tecnologias, como é o caso da prensa de Gutenberg, que possibilitou a impressão de uma maior quantidade de material, ou o telégrafo, que trouxe consigo uma grande mudança na forma de distribuição de conteúdo expandindo rigorosamente a audiência, e por sequencia, o rádio, a televisão até chegarmos na internet.

A internet trouxe muitas mudanças positivas para o jornalismo, conseguindo atingir um público plenamente maior, em diversas plataformas ao mesmo tempo. O aumento impressionante de demandas jornalísticas entre os anos 90 e 2000 foi um grande passo para o crescimento da profissão em diversas novas áreas a serem exploradas, resultando em um salário acima da média para os profissionais.

Porém, simultaneamente com essa crescente demanda, mais veículos e diferentes plataformas começaram a surgir, trazendo a descentralização por parte do público. Além disso, este mesmo público começou a ter fácil acesso aos mesmos meios em que jornalistas tinham para produzir seus conteúdos, causando uma disseminação de conteúdo não profissional, que por muitas vezes, gera desinformação.

Neste contexto, a desvalorização da prática jornalística vem preocupando cada vez mais quem exerce a profissão, procurando outros meios de obter renda, seja dentro do jornalismo ou até fora dele.

Hoje, conseguimos enxergar claramente a diminuição drástica de redações fixas, necessitando aos profissionais que ainda vestem a camisa de apenas uma

empresa, disponibilizarem suas capacidades de serem multifuncionais o tempo todo. Isso resulta em uma série de reclamações por parte dos jornalistas como a alta carga horária, o número estrondoso de tarefas sem aumento no salário, a situação cada vez mais complicada para lidar com desinformação, entre outros.

Podemos ver durante os capítulos teóricos e a análise empregada que a palavra do século dentro dos veículos jornalísticos é agilidade. A velocidade custa tempo. Com isso, a inserção de sistemas e ferramentas baseados em inteligência artificial se tornaram cada vez mais frequentes na rotina produtiva dos profissionais, pois tende a automatizar tarefas simples e diárias de um jornalista.

A inteligência artificial é um sistema que vem impressionando diversos ciclos profissionais, sendo atribuída a diferentes plataformas e dando o poder a máquinas, em sua teoria, de pensar como um ser humano.

Embora sua repercussão tenha ganhado força recentemente, ela não é tão nova assim. Aproximadamente no fim da Segunda Guerra Mundial (1945) cientistas já estudavam tecnologias para fazer com que máquinas pensassem como humanos. Desde então, ela tem sido aperfeiçoada para que atingisse o objetivo esperado, porém, não é uma tarefa fácil, vista a complexidade que esses sistemas possuem, como foi já comentado no capítulo 3.

Além dos diversos desafios enfrentados pelos cientistas participantes na evolução da inteligência artificial, eles continuam crescendo cada vez mais. Atualmente, a maior preocupação tanto de quem esteve dentro deste processo, como do público em geral, é da incapacidade de saber até onde esse sistema pode ir, devido a força e "inteligência" alcançada por ele.

Com o simples acesso a internet hoje podemos facilmente encontrar e acessar plataformas que utilizam inteligência artificial como base. Diversos aplicativos famosos como o TikTok, que expõe efeitos divertidos para mudar a aparência de alguém, ou até ferramentas famosas de edição de vídeos e fotos como o Canva.

Esta evolução tecnológica também afetou o jornalismo, como foi comentado teoricamente e empiricamente. Inteligências artificiais generativas estão cada vez mais sendo utilizadas por jornalistas a modo de testar como essas ferramentas, pensando como seres humanos, podem agilizar a tamanha demanda que possuem nas redações.

Como visto na análise, diversas perspectivas, tanto negativas como positivas foram citadas. Enquanto há jornalistas desfrutando da facilidade de obter novas sugestões, decupação de materiais e estruturas textuais qualificadas em menor quantidade de tempo, há outros preocupados com a ética, ou a falta dela, que este uso pode refletir em sua utilização.

Deste modo, o processo de inclusão destas ferramentas dentro do jornalismo está começando a ser estudado pelos próprios jornalistas, porém, as opiniões obtidas através desta pesquisa ainda mostram um cenário cheio de opiniões divergentes resgatadas de bagagens profissionais e pessoais que, somadas a ética exercida na profissão, podem causar satisfação ou mesmo estranheza a muitos criadores de conteúdo jornalístico.

Dentro desta pesquisa, o principal objetivo foi conseguir coletar informações que estruturasse o real momento que estamos vivendo agora, nesta convergência tecnológica e imprevisível.

Embora o propósito da pesquisa fosse realizar entrevistas com mais profundidade, síncronas e embasadas no conteúdo, foi enfrentado imprevistos causados pelas condições climáticas no Rio Grande do Sul, fazendo com que todo o estado estivesse enfrentando uma rotina incomum, não tão letal como a pandemia da COVID-19, mas igualmente catastrófica.

Porém, mesmo realizando entrevistas assíncronas e de forma mais superficial, é possível perceber o quanto esses sistemas baseados em IA podem afetar a rotina produtiva dos jornalistas.

Baseado nas respostas recebidas, ficam perguntas pendentes para o futuro do uso desses sistemas: vai normalizar este uso para todos? Haverá treinamentos dentro das redações? Como funcionará a questão dos créditos com o uso dessas ferramentas? E as premiações, como o prêmio Pulitzer mencionado nos capítulos teóricos, ou até diversas áreas premiadas nacionalmente em congressos como o Intercom como funcionará os métodos de avaliação?

Para pesquisas futuras, seria necessário uma análise maior, englobando diversas áreas jornalísticas e explorando melhor como essas ferramentas são utilizadas no dia a dia, em pautas especiais, em casos excepcionais que acontecem com uma certa frequência dentro do jornalismo, entre outros detalhes que deveriam ser avaliados dentro deste uso.

Outro fator interessante a ser pesquisado é a inclusão de todos os estados brasileiros. A maioria das pesquisas referentes à perspectiva de jornalistas com a inserção da IA na rotina produtiva são estrangeiras. Neste momento de divergência que vivemos, seria essencial existir uma análise completa brasileira, assim como há o perfil dos jornalistas brasileiros, citado anteriormente, que abrange todo o território nacional e mostra a realidade vivida pela grande maioria dos profissionais jornalistas.

Referências

- ABREU, Isabela. Por que a Inteligência artificial causa medo em algumas pessoas? **Viva bem**, [s. l.]. 2023. (Equilíbrio). Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/07/07/por-que-a-inteligencia-artificial-causa-medo-em-algumas-pessoas.htm>. Acesso em: 18 de abril de 2024.
- FOTOS de crianças brasileiras são usadas por IA de forma indevida: organização internacional encontrou 170 imagens em banco de dados. **AGÊNCIA BRASIL**, Brasília, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-06/fotos-de-criancas-brasileiras-sao-usadas-por-ia-de-forma-indevida>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- RAMOS, Tainah. A era da inteligência chegou ao jornalismo. **AJOR**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://ajor.org.br/a-era-da-inteligencia-artificial-chegou-ao-jornalismo/>. Acesso em: 19 de abril de 2024.
- BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network journalism: converging competencies of old and new media professionals. *In: Australian Journalism Review* 23. p. 91-103. [s. l.], 2001.
- BECKETT, Charlie. New powers, new responsibilities: A global survey of journalism and artificial intelligence. *In: LONDON SCHOOL OF ECONOMICS, Journalism AI*. 18 nov 2019. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/polis/2019/11/18/new-powers-new-responsibilities>. Acesso em: 19 de abril de 2024.
- BEIGUELMAN, Giselle. Máquinas companheiras. **Morel**, [s. l.], v. 1, p. 75-85, 2023.
- BRASIL, Antonio. Jornalismo Pós-Industrial: caminhos para um pós-jornalismo. **IHU Online**, São Leopoldo, v. 14, n. 447, 2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao447.pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2024.
- BURGOS, Pedro. Quando a IA é melhor que a comunicação do governo. São Paulo, 9 maio 2024. **LinkedIn**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/quando-ia-%25C3%25A9-melhor-que-comunica%25C3%25A7%25C3%25A3o-do-governo-pedro-burgos-du7hf/?trackingId=zGeRYoOYWjrhmfVsfo3x2A%3D%3D>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- CARPES, Giuliander. O mínimo que um jornalista precisa saber sobre inteligência artificial para começar 2024. **Farol Jornalismo**, [s. l.], dez. 2023. Disponível em: https://faroljornalismo.cc/arquivos/Guia%20IA%20Farol%20Jornalismo.pdf?utm_source=substack&utm_medium=email. Acesso em: 27 jun 2024
- CARREIRA, Krishma; SQUIRRA, Sebastião. JORNALISMO AUTOMATIZADO, GERAÇÃO DE LINGUAGEM NATURAL E A LÓGICA DO BOM SUFICIENTE. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 60–84, 2017.
- DOLAN, Leah. O que diz o casaco de Inteligência Artificial do Papa Francisco sobre o futuro da moda. **CNN PORTUGAL**. [s. l.], 2 abr 2023. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/inteligencia-artificial/papa-francisco/o-que-diz-o-casaco-de-i>

nteligencia-artificial-do-papa-francisco-sobre-o-futuro-da-moda/20230402/642412160cf2c84d7fcedfe5. Acesso em: 19 de abril de 2024.

FERRARETTO, Luiz Artur. Porque o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre. v. 28, 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 3. ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.

GOMES, Victor Pereira. **Revisitando o teste de Turing: análises e consequências**. Campina Grande: Papel da Palavra, 2023. *E-book*.

GUAY, Tim. **WEB Publishing Paradigms**. [University of Northern Iowa], 1995. Disponível em: <https://sites.uni.edu/chen/mcluhan/Paradigm.html>. Acesso em: 2 maio 2024.

HAENLEIN, Michael; KAPLAN, Andreas. **A brief history of artificial intelligence: On the past, present, and future of artificial intelligence**. California management review, 2019.

KAUFMAN, Dora. Inteligência artificial: questões éticas a serem enfrentadas. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 9., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ABCiber, 2016.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. Prefácio de Fernando Rodrigues. 2. ed. São Paulo, 2004.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord.) et. al. **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. Florianópolis: Quorum Comunicações; UFSC, 2022.

LOKOT, Tetyana; DIAKOPOULOS, Nicholas. News Bots: Automating news and information dissemination on Twitter. **Digital journalism**. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2015.1081822>. v. 4, n. 6, p. 682-699. [s. l.], 15 set 2015.

LONGHI, Raquel; D'ANDREA, Carlos. **Jornalismo Convergente: reflexões, apropriações, experiências**. Insular. Florianópolis, 2012.

MAGRANI, Eduardo. **A internet das coisas**. Cândido. Niterói, Rio de Janeiro, 2021. *E-book*.

MARTINS, Luiza M. Papa Francisco “de jaqueta” viraliza; 5 fotos de IA que geraram confusão. **Tech tudo**. [s. l.], 27 mar 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/03/papa-francisco-de-jaqueta-viraliza-5-fotos-de-ia-que-geraram-confusao-edsoftwares.ghtml>. Acesso em: 19 de abril de 2024.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. Lisboa. 2001.

MITCHELL, Melanie. **Artificial intelligence: A guide for thinking humans**. Penguin UK, 2019.

MITCHELL, Melanie. **Complexity**: a guide tour. New York: Oxford University Press, 2009.

PERRY, Alex. Cinco finalistas do Pulitzer utilizaram inteligência artificial. **Poder 360** [s. l.], 17 mar 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/5-dos-finalistas-do-pulitzer-deste-ano-sao-alimentados-por-ia/#:~:text=Cinco%20dos%2045%20finalistas%20do,do%20Pr%C3%A0mio%20Pulitzer%2C%20Marjorie%20Miller>. Acesso em: 19 de abril de 2024.

ENTENDA o que são dados sintéticos: empresas de tecnologia usam a IA para treinar seus modelos. **The New York Times**. Nova York, 6 abr 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/04/06/entenda-o-que-sao-dados-sinteticos-empresas-de-tecnologia-usam-a-ia-para-treinar-seus-modelos.ghtml>. Acesso em: 19 de abril de 2024.

PALACIOS, Marcos. O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online. *In: Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA*, Salvador, Bahia, 1999.

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/19208>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PERON, AE dos R. Vaticínios punitivos: os algoritmos preditivos e os imaginários de ordem e cidadania. **Revista ComCiência, Campinas, dez**, 2018. Disponível em: <https://www.comciencia.br/vaticinios-punitivos-os-algoritmos-preditivos-e-os-imaginarios-de-ordem-e-cidadania/>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

RAMOS, Tainah. A era da Inteligência Artificial chegou ao jornalismo. **AJOR** [s. l.], 02 fev 2023. Disponível em: <https://ajor.org.br/a-era-da-inteligencia-artificial-chegou-ao-jornalismo/>. Acesso em: 19 de abril 2024.

RICH, Elaine; KNIGHT, Kevin. **Inteligência Artificial**. 2a ed. São Paulo: Makron Books, 1994.

ROVAI, Renato. **Um Novo Ecossistema Midiático: A História Do Jornalismo Digital No Brasil**. Buenos Aires: CLACSO, 2018. *E-book*. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvnp0k00.6>.

SALAVERRÍA, Ramón; AVILÉS, José Alberto García. La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Blanquerna School of Communication and International Relations**, n. 23, p. 31-47, 2008.

SIAPERA, E.; VEGLIS, **A Handbook of Global Online Journalism**. John Wiley & Sons, [s. l.], 2012.

SEAVER, Nick. The nice thing about context is that everyone has it. **Media, Culture & Society**, v. 37, 2015.

SUZUKI, Shin. O professor que foi considerado 'louco e alarmista' e vem acertando previsões sobre inteligência artificial. **BBC News Brasil**, 11 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3gv64qmvjlo>. Acesso em: 18 abr 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VERDEGEM, Pieter. AI for Everyone?; Critical Perspectives. *In*: **University of Westminster Press**, [s. l.], 2021.

WALTERS, Emma; WARREN, Christopher; DOBBIE, Mike. The Changing Nature of Work: A global survey and case study of atypical work in the media industry. **International Federation of Journalists**, Suíça, abr 2006.

WASHINGTON Post debuts AI-powered audio updates for 2020 election results. **The Washington Post**. 13 out 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/pr/2020/10/13/washington-post-debut-ai-powered-audio-updates-2020-election-results/>. Acesso em 01 de maio de 2024.

THE WASHINGTON Post uses artificial intelligence to cover nearly 500 races on Election Day. **The Washington Post**. 19 out 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/pr/wp/2016/10/19/the-washington-post-uses-artificial-intelligence-to-cover-nearly-500-races-on-election-day/>. Acesso em: 01 maio 2024.

ZILIO, Diego. Inteligência artificial e pensamento: redefinindo os parâmetros da questão primordial de Turing. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 1, p. 208-218, São Paulo, 16 jan 2009.

APÊNDICE - TABELA DE RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS NA PESQUISA

	Jornalista 1	Jornalista 2	Jornalista 3	Jornalista 4	Jornalista 5
1 - Quais ferramentas baseadas em IA são utilizadas?	Pinpoint, Legislattech, ChatGPT (resumir textos, organizar informações, sugerir abordagens de pautas)	Escriba, ChatGPT, ViraTexto (transcrição de áudio), clarice.ai (edição de texto), Excel, Google Docs (considerando apenas IA)	Chatbot (transcrição de áudios), ChatGPT (construção de parágrafos, aprimoramento de linguagem)	Escriba, para transcrição de áudios, e Chatgpt, para correções e ajustes em scripts de raspagem de dados entre outros.	TakeFlip Vira Texto e Chatgpt
2 - Com qual frequência você utiliza elas?	Varia de acordo com a demanda da apuração	Transcrição de áudio diariamente, clarice.ai para textos longos	Uso diário na construção de textos e na apuração dos áudios e entrevistas	Semanalmente	Quando preciso decupar entrevistas em áudio ou fazer cálculos de dados.
3 - Para o que você não usa estas ferramentas?	Escrever ou apurar, devido à tendência de alucinação das IA generativas	Não uso para gerar texto, imagens ou áudio, nem como fonte de pesquisa para reportagem	Não confio inteiramente no texto gerado, uso apenas como base para revisão e construção	Desenvolver o texto da reportagem, elaborar perguntas, limpeza e organização de dados (tabelas), uso de API, entrevista, procura por fontes especializadas, entre outras.	Para todo o resto da rotina, como escrever reportagens.
4 - Existe alguma regra interna para uso de IA?	Sim, o Núcleo foi o primeiro veículo brasileiro a ter uma política de uso para inteligência artificial	Não	Sim, incentivar o uso para agilidade, mas sem confiar inteiramente no texto gerado, investir tempo na construção de comandos adequados, revisar e ajustar o texto final	Não que eu me recorde, mas o veículo que viabiliza (paga) o uso do Escriba para toda a redação	Não especificadamente. Mas como presto serviço pra uma empresa consolidada de jornalismo, fica implícito na ética de não usarmos esse tipo de ferramenta pra substituir o trabalho de repórter.
5 - Formação ou treinamento oferecido pelo veículo?	Não	Não	Não	Não	Tivemos pra usar uma plataforma que a empresa havia

					assinado. Era de transcrição de áudio em texto.
6 - Procura por si próprio alguma formação?	Não	Não, aprendizado pessoal para melhorar o processo produtivo	Sim, pesquisas online, treinamentos informais, leitura de livro e ebook sobre o assunto	Consegue ter uma base pelo MBA em Jornalismo de Dados, mas especificamente em IA não.	Não
7 - Existe espaço para mais treinamentos? Quais tipos?	Sim, uma formação crítica do uso de IA, focando no suporte analítico e na extração de dados, não em fórmulas prontas para redigir textos.	Sim, especialmente para transcrição de áudio e edição de texto.	Sim, mas treinamentos devem ser rápidos e práticos devido à dinâmica do trabalho. Ferramentas são autodidatas e o aprendizado é contínuo.	Sim, treinamentos relacionados a busca reversa de imagem, para pautas mais investigativas, checagens entre outras.	Aredito que plataformas que facilitem nossa vida (transcrição, formatação de textos como bold e hiperlink) ajudaria. A empresa estuda formas de implementar IA pra isso. Hoje são elas que proporcionam as previsões do tempo e horóscopo pro site. Mas nada além disso.
8 - Nota resistência ou hesitação de outros jornalistas?	Não	Hesitação dos mais experientes, mas não resistência	Sim, alguns colegas temem desaprender a escrever corretamente usando IA, mas transparência com clientes ajuda a superar bloqueios	Não	Não
9 - Principais benefícios percebidos?	Fornecer materiais brutos nas fases iniciais do processo jornalístico, como dados extraídos de documentos ou sugestões de abordagens em uma pauta	Ganha tempo ao não precisar transcrever áudio, auxiliares ajudam a refinar o conteúdo e evitar erros	Agilidade na geração de conteúdos, economia de tempo, preparação melhor para entrevistas com especialistas	Agilidade, esse é o principal motivo para o uso do Escriba na redação. Com ele a transcrição de entrevistas e até programas da rádio ficam muito mais rápidas. Sempre são realizadas checagens, mas	Agilidade e facilidade. No caso de cálculos, a precisão que a plataforma tem pra te dar um dado pra uma matéria.

				são poucas as correções.	
10 - Mudança na relação com fontes?	Nenhuma	Não	Sim, resposta mais rápida às demandas dos jornalistas, criação de respostas para porta-vozes com aprovação deles	Não	Não
11 - Impacto na qualidade ou precisão das notícias?	Deixa as coisas mais ágeis	Consigo fazer reportagens em menos tempo	Melhora na precisão de temas técnicos e científicos, maior rapidez na produção de conteúdos	Positivamente, há uma melhora na precisão das falas e na agilidade	Eu acho que a qualidade em si não impacta, elas são mais um “quebra galho” mesmo. Temos muitos pequenos processos pra fazer, e muitas vezes precisamos fazer várias matérias no dia. Então as ferramentas nos ajudam principalmente na agilidade.
12 - Preocupações éticas no uso de IA?	Uso de IA generativa para criar textos jornalísticos ou roubo de material para alimentar modelos de linguagem, produção em massa de desinformação	Não tenho preocupações no uso como auxiliar; preocupações com substituição de profissionais	Não usar o texto gerado diretamente, sempre revisar e ajustar para manter credibilidade	Sim, o uso indiscriminado pode levar a erros, plágio e perda de credibilidade	Acredito que elas não podem substituir um repórter. Não podem escrever a reportagem em si, fazer uma análise de um assunto por exemplo.
13 - Auxilia para personalização de conteúdo?	Pode colaborar, mas o uso predominante de algoritmos de recomendação pelas big techs tem prejudicado o tecido social, espalhando polarização e desinformação. Nosso trabalho trata de fatos, que não podem ser	Sim, IA busca ser uma pessoa e interagir com o usuário como amigo, professor ou prestador de serviços, uso individual e segmentado	Sim, comunicação mais próxima da linguagem do público-alvo, melhor compreensão e tradução de temas técnicos para leigos	Não tem certeza.	Não saberia dizer. Hoje tenho um olhar muito fechado pro uso de IA no jornalismo.

	personalizados, embora alguns temas possam ser segmentados				
--	---	--	--	--	--



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br